

FLÁVIA APARECIDA SOARES

**O PROCESSO DE REFERENCIAÇÃO EM TEXTOS DO
BLOG DO FOLHATEEN**

**FRANCA
2012**

FLÁVIA APARECIDA SOARES

**O PROCESSO DE REFERENCIAÇÃO EM TEXTOS DO
BLOG DO FOLHATEEN**

Dissertação apresentada à Universidade de Franca, como exigência parcial para a obtenção do título de Mestre em Linguística.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Flávia Figueiredo.

**FRANCA
2012**

FLÁVIA APARECIDA SOARES

O PROCESSO DE REFERENCIAÇÃO EM TEXTOS DO
BLOG DO FOLHATEEN

COMISSÃO JULGADORA DO PROGRAMA DE MESTRADO EM LINGUÍSTICA

Presidente: Profa. Dra. Maria Flávia Figueiredo
UNIFRAN

Titular 1: Profa. Dra. Soraya Maria Romano Pacífico
USP

Titular 2: Prof. Dr. Juscelino Pernambuco
UNIFRAN

Franca, 15/03/2012

DEDICO à memória de meu pai Antônio, que me possibilitou o encontro com a leitura desde pequenina; à minha mãe Luzia, que em sua simplicidade me ensinou a ser honesta e não desistir dos meus ideais; às minhas irmãs Elaine e Maraiza; à Lara, produção maior e ao Júnior, eterno amor. Por fim, a meus familiares e amigos.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pelo dom da vida e pelas bênçãos concedidas.

À Maria, *mãe do céu*, e minha mãe que me ampara e me concede, a cada dia, forças para prosseguir e não desistir em meio às tribulações.

Ao meu pai Antônio (*in memoriam*) e à minha mãe Luzia, por tudo.

Às minhas irmãs Elaine e Maraiza, pelo apoio e incentivo.

Ao meu grande amor, Júnior, pela amizade, apoio, companheirismo, confiança, estímulo, paciência e, principalmente, por acreditar em mim e estar ao meu lado sempre.

À Lara, minha pequenina, amor incondicional.

A Tereza e Cícero Mendonça, pela acolhida.

A Tida e Juarez, pelas lições de vida.

À minha orientadora, Dra. Maria Flávia Figueiredo, pela amizade, confiança, estímulo, orientação segura e, principalmente, por me ensinar que o caminho se faz ao caminhar.

À professora Dra. Maria Regina Momesso, pela amizade, apoio, carinho, conselhos e partilha de vida; *anjo* em meu caminho.

Ao professor Dr. Juscelino Pernambuco e à professora Dra. Maria Regina Momesso, que compuseram minha banca de qualificação e muito contribuíram com apontamentos e sugestões valiosas para este trabalho.

À professora e amiga Dra. Márcia Fonseca de Amorim, pela leitura e comentários feitos à pesquisa, enfim pelo apoio incondicional.

À professora Dra. Mônica Magalhães Cavalcante, pela atenção dispensada a esta pesquisa e pela gentileza no envio de material teórico e de sugestões de leitura.

À professora Dra. Soraya Maria Romano Pacífico e ao professor Dr. Juscelino Pernambuco por aceitarem participar da minha banca de defesa, o que muito me engrandeceu.

A todos os professores do Mestrado em Linguística da UNIFRAN.

Aos secretários do mestrado Adriana e Thércius.

Ao Projeto Observatório da Educação UNIFRAN/CAPES pelo fomento à minha pesquisa, o que viabilizou o meu sonho de ser mestre.

*A natureza produz, simultaneamente, partindo unicamente da raiz.
Para efetivamente instruir os jovens, não é necessário encher-lhes o
espírito de um monte de palavras; de frases, de máximas e de
opiniões, coletadas nos autores; é necessário abrir-lhes o espírito.
(...)*

BRONCKART

RESUMO

SOARES, Flávia Aparecida. **O processo de referenciação em textos do blog do Folhateen.** 2011. 85f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Franca, Franca.

Neste trabalho, de caráter descritivo e qualitativo, temos como objetivo analisar os processos de referenciação em textos do blog do Folhateen, especificamente a introdução, a retomada e a substituição de elementos ou expressões referenciais, a fim de verificar se essas estratégias interferem na progressão textual e na (re)elaboração de sentidos do texto. Escolhemos o blog do Folhateen em função de seu caráter interativo e por ser ele responsável pela divulgação de textos produzidos por adolescentes de 13 a 19 anos e, contendo, portanto, as atitudes, ideias, pontos de vista e valores dos adolescentes/produtores desses textos. Com vistas a atingir os objetivos propostos, lançamos mão da teoria da referenciação a partir dos estudos de Araújo (2004), Cavalcante (2011, 2000), Koch (2009, 2008, 2005, 2004, 2001), Koch e Elias (2010, 2009), Marcuschi (2005a, 2005b), Mondada e Dubois (2003), entre outros. Nossa análise propiciou uma reflexão no que tange à introdução, a retomada e a substituição de expressões ou referentes textuais nos textos e nos permitiu, ainda, visualizar a forma como esses elementos interferem/colaboram para a progressão textual, bem como para a (re)elaboração de sentidos dos textos. Verificamos, também, que a progressão textual somente se faz possível mediante a capacidade do autor de estabelecer uma ponte entre a tese inicialmente defendida e as sequências argumentativas desenvolvidas no decorrer do texto. Uma vez que nosso *corpus* se constitui de textos cuja linguagem é peculiarmente característica dos adolescentes, esperamos, como professores do ensino de base de escola pública, que a presente pesquisa contribua para a difícil tarefa de formar leitores e produtores de textos.

Palavras-Chave: Blog do Folhateen; Referenciação; Progressão textual; (Re)elaboração de sentidos dos textos.

ABSTRACT

SOARES, Flávia Aparecida. **Text reference processe in Folhateen blog**. 2011. 85f. Dissertation (Master in Linguistic) – Universidade de Franca, Franca.

This descriptive and qualitative work aims to analyze texts reference processes in Folhateen blog, specifically the introduction, retaken and replacement of textual elements or referential expressions in order to verify if the strategies interfere on text progression and (re)elaboration of text meaning. Folhateen blog was chosen for its interactive nature and being responsible for publishing teenagers' texts (between 13 and 19 years old) and so, containing teenagers' ideas, points of views and values/the texts producers. In order to achieving the proposed target, the study was based on the Reference Theory of Araujo (2004), Cavalcante (2011, 2000), Koch (2009, 2008, 2005, 2004, 2001), Koch & Elias (2010, 2009), Marcuschi (2005a, 2005b), Mondada & Dubois (2003) among others. This study allowed the analyses of the introduction, retaken, expression and textual references replacement, what let us envision how these elements interfere/collaborate for textual progression, as well as, (re)elaboration of the texts meaning. It was also verified that the textual progression is only possible by the author's capability of establishing a bridge between the initially defended thesis and the developed argument sequences in the text content. Once the *corpus* is composed of texts which language is peculiarly characteristic of adolescents we expect as public elementary school teachers that this research contributes for the hard task of educating readers and texts producers.

Keywords: Folhateen blog, reference, textual progression, textual meaning (re)elaboration.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	.10
1 DA LINGUÍSTICA À LINGUÍSTICA TEXTUAL	.13
1.1 DEFINIÇÃO DE TEXTO	.17
1.1.1 Construção de sentidos dos textos	.19
2 IMPORTÂNCIA DOS GÊNEROS TEXTUAIS	.22
2.1 BREVE CONSIDERAÇÃO SOBRE OS BLOGS	.23
2.2 O BLOG DO FOLHATEEN	.24
3 REFERENCIAÇÃO: PRESSUPOSTOS TEÓRICOS	.26
3.1 REFERENCIAÇÃO E O ESTUDO DE TEXTOS	.28
3.1.1 Referenciação e Progressão Textual	.30
4 ESTRATÉGIAS DE REFERENCIAÇÃO	.32
4.1 (RE)CONSTRUÇÃO DE REFERENTES TEXTUAIS	.33
4.2 O USO DE ANÁFORAS	.36
4.2.1 Anáforas diretas	.37
4.2.1.1 Anáforas indiretas	.38
4.2.1.2 Anáforas associativas	.39
4.3 ENCAPSULAMENTO, NOMINALIZAÇÃO E ROTULAÇÃO	.40
4.3.1 Expressões nominais definidas e indefinidas	.42
4.3.2 Categorização de referentes textuais	.44
5 METODOLOGIA DE PESQUISA: PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE	.46
5.1 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DO <i>CORPUS</i>	.46
5.2 BALANÇO DAS ANÁLISES EFETUADAS E SUGESTÕES PARA O ENSINO DA REFERENCIAÇÃO	.67
CONSIDERAÇÕES FINAIS	.70
REFERÊNCIAS	.71
BIBLIOGRAFIA CONSULTADA	.73
ANEXO	.76

INTRODUÇÃO

Nesta pesquisa, analisamos a linguagem a partir de uma perspectiva discursiva, pois entendemos que ela somente se efetiva na prática da interação verbal entre os indivíduos (sujeitos sociais) e de todas as implicações que decorrem dessa prática, o que culmina com a noção de que a referência é estabelecida no processo de interação entre os sujeitos.

Nada é estático – coisas, entidades, indivíduos, objetos. Pelo contrário, tudo é (re)construído de acordo com as atitudes, ideias, opiniões, pontos de vista, valores, que os sujeitos visam defender ao produzir seus textos.

As estratégias de referenciação são as diversas formas que os sujeitos têm de se comunicarem e são, portanto, imprescindíveis para a (re)elaboração de referentes ou objetos de discurso.

Tendo em vista essa questão, consideramos que os textos são provenientes das práticas de interação entre os sujeitos e são construtos sociais, ou seja, eles são *frutos* de uma determinada instância comunicativa em que tanto o autor/locutor quanto o interlocutor/leitor e o(s) conhecimento(s) partilhado(s) entre eles são imprescindíveis para o processamento de informações co(n)textuais que colaboram ou não para a (re)elaboração de sentidos dos textos.

Nesta pesquisa, analisamos a introdução, retomada e substituição de referentes em textos do blog do Folhateen. Privilegiamos essas estratégias a fim de verificar como elas corroboram para a progressão textual e, conseqüentemente, para a (re)construção de sentidos dos textos por parte do interlocutor/leitor.

Como professores de Língua Portuguesa no ensino de base de escola pública, temos diversos questionamentos no que diz respeito às dificuldades que muitos alunos têm em (re)elaborar textos.

Salientamos que os textos produzidos no [//http://blogdofolhateen.folha.blog.uol.com.br](http://blogdofolhateen.folha.blog.uol.com.br) são escritos por adolescentes e representam as opiniões desses jovens no que tange a fatos do mundo “teen”, ou seja, retratam temas comuns entre os jovens, tais como: o filme “da hora”, as músicas mais tocadas, sugestões de leituras, rock, etc.; ou seja, tratam de temas que interessam o público adolescente.

O blog do Folhateen é um site interativo que contribui para a divulgação dos textos que os adolescentes produzem e é responsável por expandir as: atitudes, crenças, ideias, opiniões e pontos de vista desses jovens (produtores de textos) sobre os mais diversos assuntos. Devido ao fato de os textos selecionados para análise serem produzidos por adolescentes, esperamos que o estudo desse *corpus* possa contribuir para o trabalho do Professor de Língua Portuguesa no que tange à árdua tarefa de despertar no aluno o interesse pela leitura e, conseqüentemente, para a prática de produção textual.

Com vistas a atingir os objetivos propostos, lançaremos mão da teoria da referenciação a partir dos estudos de Aphotéloz (2003), Araújo (2004), Cavalcante (2011, 2000), Ciulla e Silva (2008), Francis (2003), Koch (2009, 2008, 2005 e 2001), Koch e Elias (2010 e 2009), Marcuschi (2005a e 2005b), Mondada (2005), Mondada e Dubois (2003), entre outros.

O trabalho apresenta-se dividido em quatro capítulos. O primeiro traça a importância da Linguística Textual para a análise e processamento de textos. No segundo capítulo, fazemos uma breve consideração sobre os gêneros textuais e postulamos que os blogs são gêneros emergentes responsáveis pelo surgimento e propagação de diversos outros gêneros tais como: crônicas, músicas, poemas, textos, vídeos, entre outros. Ainda nesse capítulo, fazemos uma breve descrição sobre o blog do Folhateen, que atualmente é composto por vinte e nove adolescentes que se reúnem regularmente com a equipe do blog para elaborar textos. Nesse item também apresentamos o motivo de considerarmos os textos do [//http://blogdofolhateen.folha.blog.uol.com.br//](http://blogdofolhateen.folha.blog.uol.com.br//) como objetos de investigação da nossa pesquisa. O terceiro capítulo dedica-se a apresentação dos fundamentos teóricos responsáveis por guiar a pesquisa e as análises dos textos, qual seja, a teoria da Referenciação no que diz respeito a (re)construção e (re)elaboração dos referentes ou objetos de discurso nos textos. O capítulo 4 apresenta a importância da introdução, retomada e substituição de referentes ou expressões textuais, haja vista esses termos serem responsáveis pelo encadeamento das ideias e pela (re)elaboração de sentidos do texto. Além disso, explicita-se o uso das anáforas diretas, indiretas e associativas e apresentam-se algumas considerações sobre o encapsulamento, rotulação e nominalização de expressões ou referentes textuais, seguidas da categorização de referentes ou objetos de discurso. O capítulo 5 delimita o *corpus* de estudo e aponta a relevância de se investigar as estratégias de referenciação textual, pois tais estratégias interferem na construção da progressão textual e na (re)elaboração de sentidos do texto. Por fim, procuramos, a partir de nossas análises, demonstrar que a introdução, a retomada e a

substituição de elementos nos textos são responsáveis para a progressão textual e, consequentemente, para a (re)elaboração dos sentidos do texto por parte do leitor.

1 DA LINGUÍSTICA À LINGUÍSTICA TEXTUAL

Para dar início ao nosso trabalho, neste primeiro capítulo, traçaremos algumas considerações sobre o desenvolvimento da Linguística Textual e sua importância para a análise e o processamento de textos.

De acordo com Bentes (2004), considerar atualmente o texto como objeto de análise no campo de estudos da Linguística Textual é pouco questionável, mas nem sempre foi assim. Nesse sentido, a autora faz algumas reflexões sobre os vários caminhos da linguística até se chegar propriamente a uma linguística denominada Linguística Textual e relata-nos sobre os percursos desta ciência, possibilitando, assim, um contato com o “universo textual” desde as primeiras abordagens teóricas no que tange à concepção de textos até os dias atuais.

Para a pesquisadora, em um primeiro momento, denominado de Linguística Estrutural (1960), o objeto de estudos da Linguística limitava-se ao uso de frases isoladas, o que se tornou questionável para alguns estudiosos da época, possibilitando dessa forma o surgimento de uma gramática textual¹, cujo principal objetivo era descrever o texto e analisá-lo por si mesmo.

Em consonância com Bentes (2004), pesquisadores como Harweg (1968) e Isenberg (1970) consideravam que os textos possuíam propriedades que se referiam ao próprio sistema abstrato da língua e que as gramáticas textuais conseguiriam descrever todos os seus significados. Nesse sentido, o texto era associado a um produto, ou seja, a uma estrutura pronta e acabada e os processos responsáveis por sua (re)elaboração eram deixados de lado.

Bentes (2004) postula que o surgimento da Linguística Textual faz parte de um vasto esforço teórico, com abordagens e métodos diferenciados, de constituição de uma vertente que se opõe aos estudos centrados no Estruturalismo. Essa nova ciência que tem como objeto de análise os estudos centrados no texto, atualmente leva em conta os

¹ “As primeiras gramáticas textuais representaram um projeto de construção do texto como um sistema uniforme, estável e abstrato. Neste período, postulava-se o texto como uma unidade teórica formalmente construída, em oposição ao discurso, unidade funcional, comunicativa e intersubjetivamente construída”. (BENTES, 2004, p. 249).

mecanismos de produção e recepção e considera o texto uma prática social na qual o sujeito expõe suas ações, atitudes, opiniões etc. sobre as coisas e o mundo em que vive.

Conforme Bentes (2004), essa corrente linguística surgiu na Europa e propiciou um grande avanço no que se refere ao tratamento da língua e o estudo de textos. Contudo, a pesquisadora ressalta que esse avanço também contribuiu para o surgimento de várias abordagens que têm como foco de análise o texto. Porém tais abordagens não são homogêneas, ou seja, o mesmo objeto, (o texto) é analisado de formas diferentes.

Convém destacar que, no processo de constituição da Linguística do Texto “seu surgimento deu-se de forma independente, em vários países de dentro e de fora da Europa Continental, simultaneamente, e com propostas teóricas diversas”. (MARCUSCHI, 1998 apud BENTES, 2004, p. 246).

Segundo Koch (2001), logo no início da Linguística Textual, em virtude de o texto ser uma questão prioritária, diversos pesquisadores se dedicavam à análise transfrástica²; e/ou à construção de gramáticas textuais, em que o objeto principal de análise era a coesão. Entretanto, muitas vezes a coesão era igualada à coerência textual e ambas eram concebidas como qualidades ou propriedades inerentes ao texto.

De acordo com Koch (2001), a década de oitenta representou um marco no que se refere à expansão significativa da noção de coerência textual, quando pesquisadores como Charolles (1983), Neubauer (1983), Petöfi (1986) entre outros, ao adotarem uma abordagem pragmático-enunciativa da linguagem deixaram de considerar a coerência como uma mera propriedade ou qualidade do texto passando a relacioná-la a um fenômeno mais amplo:

A coerência se constrói, em dada situação de interação, entre o texto e seus usuários, em função da atuação de uma complexa rede de fatores, de ordem lingüística, sócio-cognitiva e interacional. Vieram a público diversas coletâneas sobre o tema (Charolles, Petöfi & Sözer, 1983; Neubauer, 1983; Petöfi, 1986; Sözer, 1985; Conte, Petöfi & Sözer, 1989, entre várias outras), além de artigos e obras individuais. Também no Brasil, as pesquisas sobre coesão e coerência textuais tiveram grande desenvolvimento, frutificando em uma série de obras sobre o assunto. Podem-se mencionar, entre muitos outros, os trabalhos de Marcuschi (1983), Koch (1987, 1989, 1992); Koch & Travaglia (1989 1990); Fávero (1991) e Bastos (1985). Além disso, outros critérios de textualidade passaram a ser objeto das pesquisas sobre o texto, tais como informatividade, situacionalidade, intertextualidade, intencionalidade, aceitabilidade (cf. Beaugrande & Dressler, 1981), contextualização, focalização, consistência e relevância. (KOCH, 2001, p. 2).

Tendo em vista que os avanços das teorias linguísticas no que tange ao estudo de textos não ocorreram de um dia para o outro, consideramos de suma importância distinguir

² De acordo com Bentes (2004), na análise transfrástica parte-se da frase para o texto, ou seja, para a análise de fenômenos que não podiam ser explicados pelas teorias que se limitassem no interior das frases.

seus percursos até se tornar essa nova ciência que, atualmente, conhecemos como Linguística Textual, e que analisa a linguagem e o texto a partir de uma abordagem sociocognitiva.

Em consonância com Bentes (2004), em um primeiro momento o interesse dos estudos linguísticos centrou-se na análise transfrástica, ou seja, no estudo de fenômenos que não podiam ser explicados somente por meio de uma estrutura sintática e a preocupação dos pesquisadores centrava-se nas relações que se estabeleciam entre as frases e os períodos.

No entanto, esses estudiosos constataram que muitas estruturas sintáticas não conseguiam explicar, por exemplo, aquelas frases em que em que o(s) sentido(s) ultrapassa(m) o(s) limite(s) do(s) enunciado(s), e começaram então a se questionar sobre como se estabelecia a relação entre um período e outro se não houvesse um conector entre eles.

No processo de instauração da Linguística Textual, o texto era tratado como: “uma sequência pronominal ininterrupta³ e também como uma sequência coerente de enunciados”. (HARWEG, 1968 apud BENTES, 2004, p. 247).

Um exemplo dessa proposta pode ser observado no exemplo que se segue:

- *João e Maria* vão se casar amanhã, *eles* se amam e por isso tomaram *essa decisão*.⁴

Nesse exemplo, o pronome *eles* correlaciona-se sintaticamente aos sintagmas nominais *João e Maria* e *essa decisão* refere-se a casamento. Assim, no primeiro momento da Linguística Textual o que se considerava pertinente era somente essa relação total entre o sintagma nominal e os pronomes, de modo que as operações realizadas no “contexto” (informações fora do texto) não eram significativas para a apreensão dos sentidos do “cotexto” (informações dentro do texto).

Exemplos como esse seriam fáceis de explicar, já exemplos nos quais aparecessem expressões ambíguas não o seriam, haja vista que “muitas ambigüidades potenciais da frase isolada não subsistem a um contexto mais amplo, e, inversamente, outras ambigüidades são engendradas pela trama progressiva das significações no fio do texto”. (PAVEAU e SARFATI, 2006 apud SILVA, 2008, p. 27).

³ Para Harweg 1968 (apud BENTES, 2004, p. 247), o referenciamento estava diretamente relacionado ao fato de os referentes textuais (previamente mencionados), poderem ser retomados ao longo do texto de diferentes modos.

⁴ Este exemplo está embasado em explicações obtidas em Bentes (2004).

Por isso, em um segundo momento, sob a influência do Gerativismo, surgem, então, as gramáticas textuais, cujo objetivo era o de descrever a competência textual dos falantes e definir o texto como objeto de estudos da linguística. Porém, os pesquisadores ainda criam que o texto se constituía de propriedades que abarcavam o próprio sistema abstrato da língua, ou seja, que o texto era “um sistema uniforme, estável e abstrato”. (BENTES, 2004, p. 249).

Em consonância com Bentes (2004), não houve uma demarcação cronológica para a passagem de uma abordagem à outra. No entanto, pode-se afirmar que as propostas de elaboração de gramáticas do texto surgiram devido à necessidade de se refletir sobre os fenômenos linguísticos que não podiam ser explicados apenas no limite das frases.

Para Bentes (2004) e Koch (2001), autores como Dressler (1972, 1977), Dijk (1972, 1973), Lang (1971, 1972) e Petöfi (1972, 1973, 1976) merecem destaque nessa época, pois esses autores tinham algumas ideias em comum e consideravam que alguns fenômenos linguísticos não podiam ser explicados somente por uma gramática do enunciado.

Em primeiro lugar consideram que não há uma continuidade entre frase e texto porque há, entre eles, uma diferença de ordem qualitativa e não quantitativa, já que a significação de um texto segundo Lang (1972), constitui um todo que é diferente da soma das partes. Além disso, consideram que o texto é a unidade lingüística mais elevada, a partir da qual seria possível chegar, por meio de segmentações a unidades menores a serem classificadas. A segmentação e a classificação de um texto em unidades menores deveria, no entanto, sempre considerar a função textual dos elementos individuais, ou seja, que tipo de papel cada elemento desempenha em uma dada configuração textual. Por último, consideram que todo falante nativo possui um conhecimento acerca do que seja um texto, conhecimento este que não é redutível a uma análise frasal, já que o falante conhece não só as regras subjacentes às relações interfrásticas (a utilização de pronomes, de tempos verbais, da estratégia de definitivização etc.), como também sabe reconhecer quando um conjunto de enunciados constitui um texto ou quando se constitui apenas em um conjunto aleatório de palavras ou sentenças. (BENTES, 2004, p. 249-250).

Bentes (2004) ressalta que esses autores entendiam que todos os falantes de uma língua têm a competência para distinguir o que é um texto coerente e o que é uma sequência aleatória de frases. Assim, o texto, de certa forma, era analisado sob um ponto de vista mais elevado, uma vez que as pesquisas partiam do texto para os seus constituintes e não o contrário.

O terceiro momento representou um avanço significativo no que tange à definição dos textos e o estudo de textos passou a ser relacionado ao seu contexto pragmático, em que o centro das investigações se estende do cotexto ao contexto, ou seja, dos limites entre

as informações presentes no próprio texto e as informações que são inferidas mediante a recuperação de dados extralinguísticos (dados que estão fora do texto).

A partir da década de 1970 a gramática textual não era mais o foco para a análise de textos, e sim, a noção de textualidade, compreendida como um “modo múltiplo de conexão ativado toda vez que ocorrem eventos comunicativos”. (BEUGRANDE e DRESSLER, 1981 apud BENTES, 2004, p. 252), de modo que a língua deixa de ser vista como uma forma abstrata e passa a ser analisada como um processo linguístico; em virtude das informações que se quer passar em uma determinada situação de comunicação, ou seja, o texto passa a ser analisado a partir do seu funcionamento ao invés de uma análise puramente centrada na forma.

Conforme a autora, somente após esse longo percurso é que a Linguística Textual pôde ser compreendida como uma linguística do texto propriamente dita, ou seja, como uma ciência interdisciplinar, no que diz respeito às diferentes abordagens que ela abarca e dos interesses que a englobam, pois o texto deixou de ser visto como produto e passou a ser analisado como um processo.

1.1 DEFINIÇÃO DE TEXTO

Poderíamos iniciar este capítulo apresentando uma definição de texto tal como reconhecida pela Linguística Textual atualmente e equivalente à abordada por nós nesta pesquisa, indo, assim, *direto ao ponto*. Porém, em consonância com Bentes (2004), isso seria como *passar uma borracha* no que tange à evolução do conceito de texto.

Segundo a autora, em um primeiro momento dos estudos dos textos, englobaram-se as pesquisas desenvolvidas no período da análise transfrástica e da construção das gramáticas textuais.

Os pesquisadores acreditavam que as propriedades responsáveis pela definição de texto estavam imbricadas principalmente entorno do material linguístico, podendo existir sequências de frases coerentes entre si consideradas (textos) e sequências de frases incoerentes entre si, ou seja, os chamados (não textos).

Koch (2009) observa que nesse primeiro momento, a concepção de texto variava de uma “unidade linguística” (do sistema) superior às frases até um “complexo de informações semânticas”. Essa definição relaciona-se aos aspectos material e formal dos

textos, ou seja, os textos eram entendidos como uma unidade que, mesmo sendo teoricamente de tamanho ilimitado, era concebida, de um modo geral como delimitada e com um final explícito pela posição das palavras nas frases.

Weinrich (1971), por exemplo, defendia que os textos eram um complexo de proposições semânticas que possuíam as seguintes características: “a seqüência coerente e consistente dos signos lingüísticos; b) a delimitação por interrupções significativas na comunicação; c) o status do texto com maior unidade lingüística”. (WEINRICH, 1971 apud BENTES, 2004, p. 253).

De acordo com Bentes (2004), embora esse conceito de texto leve em conta as delimitações lingüísticas e o *status* de texto como resultado de uma unidade lingüística mais ampla, essa abordagem ainda estava relacionada à primeira fase da Linguística Textual, pois se desconsiderava os processos responsáveis pela elaboração dos textos, ou seja, o fato de que “o texto não existe fora de sua produção ou de sua recepção”. (LEONTÉV, 1969 apud BENTES, 2004, p. 254).

Em uma segunda fase em que se visava à elaboração de uma teoria do texto, o conceito de textos é totalmente modificado e passa a ser o seguinte:

- a. a produção textual é uma atividade verbal, a serviço de fins sociais e, portanto, inserida em contextos mais complexos de atividades.
- b. trata-se de uma atividade consciente, criativa, que compreende o desenvolvimento de estratégias concretas de ação e a escolha de meios adequados à realização dos objetivos; isto é, trata-se de uma atividade intencional que o falante, de conformidade com as condições sob as quais o texto é produzido, empreende, tentando dar a entender seus propósitos ao destinatário através da manifestação verbal.
- c. é uma atividade interacional, visto que os interactantes, de maneiras diversas, se acham envolvidos na atividade de produção verbal. (KOCH, 2009, p. 26).

Koch (2009) ressalta que a partir dessa perspectiva, se pode afirmar que os textos são provenientes do processo de interação verbal e são elaborados a fim de atingirem determinadas práticas sociais. Os textos deixam de ser designados como “produtos”, e passam a ser concebidos como um “processo”, visto que é no “processo” que o texto se “cria”, ou seja, se “constitui” efetivamente como um texto.

Tendo em vista que o texto é elaborado através das negociações entre um locutor e um interlocutor, ou seja, que o texto é construído a partir da interação verbal e que são vários os processos responsáveis para que o seu sentido seja apreendido tomamos como relevante o pensamento de Bakhtin (2002):

Na realidade, toda palavra comporta duas faces. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém, como pelo fato de que se dirige para alguém. Ela constitui justamente o produto da interação do locutor e do ouvinte. Toda palavra serve de expressão a um em relação ao outro. Através da palavra, defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade. A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apóia sobre mim numa extremidade, na outra se apóia sobre o meu interlocutor. A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor. (BAKHTIN 2002, p. 112).

Para efeitos de análise, nesta pesquisa, o texto será considerado como uma unidade comunicativa tanto oral quanto escrita, em que seja um todo de comunicação e de significado, e que o locutor pode, caso queira, esconder alguns dados do leitor. Nesse sentido, para discursarmos melhor sobre os pressupostos textuais e sobre os aspectos que colaboram para a formação de bons textos apresentamos a seguinte citação:

O texto é uma manifestação verbal constituída de elementos linguísticos selecionados e ordenados pelos falantes durante a atividade verbal, de modo a permitir aos parceiros, na interação, não apenas a depreensão de conteúdos semânticos, em decorrência da ativação de processos de ordem cognitiva, como também a interação de acordo com as práticas socioculturais. (KOCH, 2009, p. 27).

Constatamos que o sentido de um texto não é constituído apenas por uma estrutura verbal e de informações explícitas, mas também de dados que se apresentam de maneira implícita e que podem ser recuperados através de algumas marcas linguísticas apresentadas no cotexto e mediante a capacidade do leitor de fazer inferências contextuais e apreender os sentidos que não estão explicitados no cotexto. Tanto as informações cotextuais quanto as contextuais são tomadas por nós como relevantes, visto que os sentidos do texto só podem ser apreendidos a partir da relação entre um locutor e interlocutor e de suas relações com o mundo e as coisas nele situadas.

1.1.1 Construção de sentidos dos textos

Para Fávero (2006), a coerência e a coesão devem ser consideradas como dois mecanismos importantes de textualidade. A autora ressalta que pesquisadores como Halliday e Hasan (1976) fazem distinção entre esses termos e outros não.

Segundo Halliday e Hasan (1976), o que faz com que um determinado conjunto de sentenças seja considerado texto ou não texto são os mecanismos de coesão textual. “Um texto tem uma textura e é isto que o distingue de um não texto. O texto é

formado pela relação semântica da coesão”. (HALLIDAY e HASAN, 1976 apud FÁVERO, 2006, p. 8).

Esses autores entendem a coesão como um conceito semântico que diz respeito às relações de sentido que se estabelecem entre as frases que compõem os textos, de modo que a interpretação de uma palavra ou expressão está condicionada ao entendimento de outra.

O linguista alemão Isenberg (1968 apud FÁVERO, 2006), ao propor uma gramática gerativa ressalta que alguns fenômenos no que tange à assimilação e apreensão dos sentidos do texto só podem ser compreendidos no âmbito da estrutura textual, como por exemplo, os pronomes anafóricos, a seleção de artigos, a pronominalização e os elementos pró-adverbiais que podem ser considerados elementos de coesão textuais.

A coesão, manifestada em um nível microestrutural refere-se aos modos como os componentes do universo textual se inter-relacionam, ou seja, ao modo como eles estão ligados entre si possibilitando uma sequenciação linguística. Porém, de acordo com Fávero (2006), convém ressaltarmos que uma sequência coesa de informações não é condição necessária nem suficiente para a formação de textos.

Em consonância com a autora, Koch (2009) entende a coesão como “o fenômeno que diz respeito ao modo como os elementos lingüísticos presentes na estrutura textual se encontram interligados entre si, por meio de recursos também lingüísticos, formando seqüências veiculadoras de sentidos”. (KOCH, 2009, p. 45).

Para Koch (2009), os elementos de coesão são responsáveis por manter a sequenciação textual, ou seja, são estruturas formais de uma língua que propiciam a formação de expressões textuais veiculadoras de sentido.

Além de estabelecer a diferença entre coerência e coesão textuais, Koch (2009), também nos apresenta a distinção entre a coesão por remissão e coesão por sequenciação.

A coesão por remissão pode, no meu entender, desempenhar quer a função de (re)ativação de referentes, quer a de “sinalização” textual [...]

Esse tipo de remissão pode ser efetuado [...] por meio de recursos de ordem “gramatical” – pronomes pessoais de terceira pessoa (retos e oblíquos) e os demais pronomes (possessivos, demonstrativos, indefinidos, interrogativos, relativos), os diversos tipos de numerais, advérbios pronominais (como, aqui, aí, lá, ali) e artigos definidos; ou por intermédio de recursos de natureza lexical, como sinônimos, hiperônimos, nomes genéricos descrições definidas; ou ainda, por reiteração de um mesmo grupo nominal ou parte dele; e finalmente, por meio da elipse. (KOCH, 2009, p. 46)

De acordo com Koch (2009), verificamos que a coesão por remissão é responsável pela organização das ideias do texto e os elos escolhidos pelo autor não apenas ligam as orações, mas principalmente têm a função de fazer remissões textuais anaforicamente (remissões para trás) ou cataforicamente (remissões para frente).

Já a coesão sequencial se estabelece por meio de “sinalizações textuais” e tem a função de manter a organização textual e fornecer ao interlocutor os suportes para o processamento das ideias do texto. Esses suportes consistem em “orientações” ou “indicações” que apontam para trás ou para frente no texto escrito e permitem que se estabeleça uma sequenciação entre as informações.

Pudemos constatar, de um modo geral, que a coesão manifestada em um nível microestrutural, ou seja, por elementos organizados no interior do texto, refere-se, portanto, ao modo como os elementos linguísticos estão interligados no texto, orientando aos leitores para a construção dos sentidos.

A coerência, manifestada em um nível macroestrutural não apenas por informações explícitas no texto, diz respeito à maneira como os elementos do universo textual, ou seja, as abordagens e as relações que subjazem ao texto, se unem para que os sentidos sejam processados pelo leitor. Conforme Koch (2009):

A coerência não constitui uma propriedade ou qualidade do texto em si: um texto é coerente para alguém em dada situação de comunicação específica (cf., por ex., Van Dijk, 1983; Koch & Travaglia, 1989 e 1990). Este alguém, para construir a coerência, deverá levar em conta não só os elementos linguísticos que compõem o texto, mas também seu conhecimento enciclopédico, conhecimentos e imagens mútuas, crenças, convicções, atitudes, pressuposições, intenções explícitas ou veladas, situação comunicativa imediata, contexto sociocultural e assim por diante. (KOCH, 2009, p. 21).

Enquanto a coesão é desenvolvida no interior dos textos, a coerência textual requer que o autor explicita um maior número de informações possíveis no cotexto, a fim de direcionar o leitor para o processamento das ideias que ele visa transmitir, e requer também, por parte do leitor a capacidade de elaborar inferências textuais a partir de algumas marcas linguísticas estabelecidas pelo autor do texto e saber associá-las a informações extralinguísticas, o que depende no mínimo de um conhecimento partilhado entre autor e leitor.

2 IMPORTÂNCIA DOS GÊNEROS TEXTUAIS

Neste segundo capítulo, faremos uma breve consideração sobre os gêneros textuais a fim de contextualizar a emergência do gênero textual que serve de *corpus* para a presente pesquisa, qual seja: o blog.

Para Marcuschi (2005a), os gêneros textuais são responsáveis por ordenar e classificar todos os textos que produzimos, quer se tratem de textos escritos, quer se tratem de textos falados.

Em consonância com o autor, um gênero textual surge a partir de instâncias comunicativas e somente existe devido à capacidade e necessidade dos sujeitos de se comunicarem constantemente.

Fruto de trabalho coletivo, os gêneros contribuem para ordenar e estabilizar as atividades comunicativas do dia-a-dia. São entidades sócio-discursivas e formas de ação social incontornáveis em qualquer situação comunicativa. (...) Caracterizam-se como eventos textuais altamente maleáveis, dinâmicos e plásticos. Surgem emparelhados a necessidades e atividades sócio-culturais, bem como na relação como inovações tecnológicas, o que é facilmente perceptível ao se considerar a quantidade de gêneros textuais hoje existentes em relação a sociedades anteriores à comunicação escrita. (MARCUSCHI, 2005a, p. 19).

Tendo em vista essa assertiva, postulamos que os gêneros textuais não são estáticos e que um gênero pode ceder lugar a outro, haja vista as inovações tecnológicas que muito contribuíram e ainda contribuem para o surgimento dos gêneros.

Exemplos bem simples que propiciaram o surgimento de novos gêneros podem ser observados em situações cotidianas, por exemplo: o uso do e-mail e bate papo (chat) na internet ao invés do envio de cartas ou uma ligação telefônica respectivamente.

O pesquisador ressalta que o surgimento de um novo gênero textual não é completamente absoluto, ou seja:

Seguramente, esses novos gêneros não são inovações absolutas, quais criações *ab ovo*, sem uma ancoragem em outros gêneros já existentes. O fato já fora notado por Bakhtin (1997) que falava na ‘transmutação’ dos gêneros e na assimilação de um gênero por outro gerando gêneros novos. A tecnologia oferece o surgimento de formas inovadoras, mas não absolutamente novas. (MARCUSCHI, 2005a, p. 20)

O surgimento de novos gêneros textuais muito tem colaborado para a agilidade da comunicação e encurtado a distância entre os “fazer discursivos”. Porém, em consonância com Marcuschi (2005a), não afirmamos que determinado gênero é mais importante que outro, apenas visamos demonstrar como os gêneros modificaram/modificam a forma de comunicação entre as pessoas.

De acordo com Marcuschi (2005a), a comunicação verbal entre os sujeitos somente se realiza através de algum gênero textual. Essa ideia foi primeiramente defendida por Bakhtin (1997), e por Bronckart (1999) e é aceita pela maioria dos pesquisadores que veem a língua como uma forma de interação entre os sujeitos, ou seja, por pesquisadores que a consideram uma atividade sociocognitiva.

Entre esses pesquisadores, podemos citar Bazerman (2006), para quem os gêneros são “(...) partes de processos de atividades socialmente organizadas. Gêneros são tão-somente aquilo que as pessoas reconhecem como sendo usados por elas próprias e pelos outros”. (BAZERMAN, 2006, p. 31).

Tendo em vista essa questão, partimos do pressuposto de que o blog é um gênero textual, que, embora se trate de um gênero novo, está enraizado a formas de comunicação preexistentes. Com respaldo em Bazerman (2006), consideramos que os blogs são responsáveis pela (re)produção de um vasto conjunto de gêneros textuais: artigos de opinião, conversação, crônicas, músicas, poemas, vídeos etc. Dessa forma tomamos como relevante a seguinte citação:

Um sistema de gêneros compreende os diversos conjuntos de gêneros utilizados por pessoas que trabalham juntas de forma organizada, e também as relações padronizadas que se estabelecem na produção, circulação e uso desses documentos. Um sistema de gêneros captura as sequências regulares com que um gênero segue um outro gênero, dentro de um fluxo comunicativo típico de um grupo de pessoas (BAZERMAN, 2006, p. 32).

2.1 BREVE CONSIDERAÇÃO SOBRE OS BLOGS

O surgimento dos blogs só foi possível devido às inovações na forma de escrita e o aparecimento de novas tecnologias, particularmente o uso do computador e da internet.

De acordo com Silva (2009), o primeiro blog foi criado em 1997 pelo norte-americano Dave Winer e é uma espécie de diário eletrônico no qual os indivíduos postam

livremente qualquer tipo de comentários ou textos e é uma página da web que precisa ser atualizada frequentemente, pois se trata de um diário virtual.

(...) *Blogs* se formam e se desfazem. Alguns têm tempo de vida curto. Outros se consolidam. Da mesma forma que e-mails são criados e abandonados, há páginas que deixam de existir da noite para o dia. Há blogueiros que iniciam sua página com ímpeto. Escrevem texto, inserem imagens, respondem os comentários. Duas semanas depois, deixam de atualizar a página. E página que não é atualizada está com o fim decretado. (SILVA, 2009, p.28)

No Brasil, os blogs começaram a ser escritos por volta do ano de 2000 e atualmente são um fenômeno de massa, pois os indivíduos/sujeitos sociais cada vez mais têm necessidade de expandir seus pontos de vista e interagirem com outros indivíduos/sujeitos.

Conforme Silva (2009), outra questão que possibilitou/possibilita o crescimento dos blogs é a facilidade que as pessoas têm para criá-los ou simplesmente para ler o conteúdo postado em determinado blog. “Uma das razões pelas quais o *blog* ganha tanta popularidade é a facilidade para criá-lo. Não se exige do usuário conhecimento técnico detalhado para mantê-lo. É uma página pronta, semelhante a um editor de texto”. (SILVA, 2009, p. 26).

O autor postula que os textos de blogs têm uma página leve e menos cansativa que a de um texto impresso e por isso eles atraem cada vez um público maior. Ainda, segundo o pesquisador, a leitura de um texto impresso é linear e na internet o leitor tem mais possibilidades para (re)construir seu próprio texto.

Para Silva (2009) é impossível mapear todos os blogs e o tipo de leitores que têm acesso a eles, devido a quantidade de blogs já existentes e a infinidade e diversidade de textos que eles compõem; bem como os diferentes perfis e interesses dos leitores de determinado blog.

2.2 O BLOG DO FOLHATEEN

O blog do Folhateen conta atualmente com a colaboração de vinte e nove jovens que têm entre 13 e 19 anos e publicam diversos comentários sobre o caderno, além de textos de própria autoria. De acordo com os editores do blog, os textos escritos e postados

pelos jovens, embora editados, não são modificados, pois a edição feita resume-se a algumas correções ortográficas, o que garante a originalidade dessas produções textuais.

Dessa forma, o <http://blogdofolhateen.folha.blog.uol.com.br//> é um site interativo que reproduz os mais diversos textos produzidos pelos jovens que escrevem para o Folhateen. Esses textos colaboram para a discussão de assuntos cotidianos, contribuem para a expansão do pensamento dos jovens e para a maneira como esse público interage no mundo em que vive e se posiciona como sujeito.

No blog do Folhateen os jovens postam comentários sobre filmes, entrevistas com pessoas famosas, letras de músicas, reportagens, vídeos e textos de autoria própria que abarcam temas diversificados.

Sendo assim, partimos do pressuposto de que os textos produzidos pelos jovens que fazem parte do Folhateen são na verdade artigos de opinião, já que nessas produções o autor procura persuadir o leitor, e, ao privilegiar determinado referente textual ou objeto de discurso e retomá-lo por meio de outras expressões referenciais, revela sua opinião, suas crenças, seus pontos de vista e valores em relação à tese que visa defender.

Nos textos por nós selecionados buscamos verificar se o autor introduz, retoma e substitui adequadamente as expressões ou referentes textuais e como essas estratégias de referenciação implicam na progressão e (re)elaboração dos sentidos do texto.

3 REFERENCIAÇÃO: PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Neste capítulo, apresentaremos os pressupostos teóricos que nortearão nossas análises no que tange aos processos de referenciação.

Pesquisadores como Araújo (2004), Cavalcante (2011, 2000), Koch (2009, 2008, 2005, 2004, 2001), Koch e Elias (2010, 2009), Marcuschi (2005a, 2005b), Mondada (2005), Mondada e Dubois (2003), entre outros, nos auxiliarão no desenvolvimento do trabalho.

Em Cavalcante (2011), encontramos uma explicação sintetizada sobre o que se entende atualmente por referenciação e o surgimento dessa teoria.

O que se entende hoje por referenciação começou quando, bem longe daqui, na Suíça, em 1994, Lorenza Mondada propôs tratar da descrição de processos discursivos que se verificam na introdução de um objeto, nos ajustes que ele sofre quando vai participando da configuração complexa de um texto e na passagem de um objeto a outro. Falava-se assim, não de referentes como entidades da realidade externa do mundo, mas de objetos de discurso, aqueles que emergem da elaboração discursiva de um saber compartilhado. (CAVALCANTE, 2011, p. 9)

De acordo com essa abordagem discursiva a linguagem deve ser entendida a partir do seu uso e de todas as implicações que decorrem desse uso, o que culmina com a ideia de que a referência é estabelecida no momento da enunciação e no processo de interação entre os sujeitos.

Entendemos que os processos de referenciação são mecanismos textuais imprescindíveis para a (re)construção dos sentidos de um texto. Dessa forma, adotamos uma abordagem de referenciação equivalente à sugerida por Cavalcante (2011), pois, assim como a autora, consideramos que os referentes ou objetos de discurso se apoiam e surgem no interior de bases cognitivo-discursivas. É no interior dessas operações discursivas que os interlocutores elaboram os referentes ou objetos de discurso⁵.

Fundamentados nesse pressuposto teórico, o importante é compreendermos “o que fazemos com a linguagem, o que a linguagem permite em termos de construção

⁵ “Os objetos de discurso são, pois entidades constituídas na e pelas formulações discursivas dos participantes: é no e pelo discurso que são postos, delimitados, desenvolvidos e transformados objetos de discurso que não preexistem a ele e que não têm uma estrutura fixa, mas que ao contrário, emergem e se elaboram progressivamente na dinâmica discursiva”. (MONDADA, 1994, apud KOCH, 2005, p. 34).

conceptual do mundo, como nossos comportamentos e nossas necessidades levam a um tipo de interação linguística com o mundo”. (ARAÚJO, 2004, p. 198).

Para compreendermos os processos de referenciação tomamos como relevante a concepção adotada por Mondada e Dubois (2003): a relação entre linguagem e realidade pressupõe uma relação estreita com a exterioridade em que a língua deva ser vista como um mecanismo da interação verbal. Assim, a discursivização e textualização do mundo não consistem apenas em elaborar informações, mas, sim, possibilitar a (re)construção do mundo real.

Mondada (2001) defende a ideia de que os objetos de discurso não devem ser confundidos com a realidade extralinguística, visto que são (re)construídos no processo de interação. Para a autora, as coisas não estão prontas no mundo, mas são (re)nomeadas por nós constantemente, de modo que a realidade é (re)construída na medida em que os sujeitos sociocognitivamente interagem com/no mundo.

Os objetos-de-discurso não se confundem com a realidade extralinguística⁶, mas (re)constróem-na no próprio processo de interação: a realidade é construída, mantida e alterada não apenas pela forma como nomeamos o mundo, mas, acima de tudo, pela forma como, sociocognitivamente, interagimos com ele. Interpretamos e construímos nossos mundos na interação com o entorno físico, social e cultural. (MONDADA, 2001, apud KOCH 2005, p. 33).

Conforme Koch (2005), essa abordagem construtivista da linguagem também é defendida por Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995). Para os autores, os indivíduos enquanto sujeitos sociais não controlam a evolução do objeto de discurso e os referentes não representam diretamente o mundo real. Desse modo, os objetos de discurso estão engajados às práticas sociais e discursivas e não devem ser concebidos apenas como uma forma de designar os referentes textuais, mas como um processo em constante mutação que designa os referentes de acordo com as intenções estabelecidas em determinadas situações de interação, sendo, portanto, (flexíveis).

Koch (2005) relata que Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995) e Mondada (2001) concebem todos os objetos de discurso como evolutivos, visto não serem produtos e nem estáticos. Os autores desconsideram qualquer ideia que preconize no mundo alguma coisa como já preexistente e pronta para ser usada. Ao contrário, os referentes são (re)elaborados nos processos comunicativos e evoluem/modificam-se constantemente nos contextos de uso.

⁶ Quando usamos a expressão extralinguística(o), estamos fazendo uma oposição entre os elementos situados no cotexto (próprio texto) e entre os elementos do contexto (elementos exteriores ao texto).

De maneira geral, argumentaremos (...) em favor de uma concepção construtivista da referência (...); assumiremos plenamente o postulado segundo o qual os chamados “objetos-de-discurso” não preexistem “naturalmente” à atividade cognitiva e interativa dos sujeitos falantes, mas devem ser concebidos como produtos fundamentais culturais desta atividade. (APOTHÉLOZ E REICHLER-BÉGUELIN, 2001 apud KOCH, 2005, p. 33).

Ao analisarmos as estratégias de referenciação, não podemos deixar de considerar os aspectos cognitivos e linguísticos, visto referirem-se a práticas discursivas em que o papel dos indivíduos na função de sujeitos é: expressar por meio da linguagem uma elaboração de eventos sociais.

Os referentes ou objetos que surgem da elaboração discursiva de um saber compartilhado intervêm nas formas estruturantes de um texto e são, ao mesmo tempo, por elas condicionadas. Por isso é que se torna mais adequado falarmos de referenciação e não de referência, ressaltando a ideia que é o processo que caracteriza o ato de referir. A referenciação envolve “a construção de objetos cognitivos e discursivos na intersubjetividade das negociações, das modificações, das ratificações de concepções individuais e públicas do mundo”. (MONDADA e DUBOIS, 2003, p. 20).

Para Cavalcante (2000), os objetos de discurso se modificam à medida que se modifica o estado da memória discursiva (ou dos esquemas que vão se ampliando ao longo da enunciação):

(...) O que identifica o referente é, agora, a bagagem do conhecimento sobre o assunto de que dispõem os interlocutores a cada momento da interação. O reconhecimento do referente ou do (objeto de discurso) é o produto de uma interação entre o falante e seu ambiente. (APOTHÉLOZ e REICHLER-BÉGUELIN, 1995 apud CAVALCANTE, 2000, p. 73-74).

Em síntese, ao privilegiarmos as estratégias de referenciação como responsáveis pela formação e bom desenvolvimento dos textos, buscamos questionar os processos de discretização e de estabilização do mundo, tendo em vista que a abordagem da Referenciação sugere uma visão dinâmica da linguagem que leva em conta não somente um indivíduo “de carne e osso”, mas também a existência de um locutor/interlocutor situado no contexto sociocognitivo, numa relação indireta entre os discursos que produz e sua relação no mundo em que vive.

3.1 REFERENCIAÇÃO E O ESTUDO DE TEXTOS

Tendo em vista os diversos percursos da Linguística Textual até que o texto fosse analisado como “processo” e dando ênfase à situação de interação verbal é que optamos por apresentar nesta pesquisa algumas estratégias de referenciação textual e mais precisamente verificar como a introdução, retomada e substituição de expressões referenciais interfere/colabora na progressão textual e (re)elaboração de sentidos do texto.

Conforme Koch (2001), a evolução e a expansão dos significados do conhecimento linguístico e sua expansão cultural, histórica, política, social etc. só foi possível devido à existência de textos, ou seja, a existência de formas linguísticas que são responsáveis por constituírem e organizarem um conhecimento complexo. Porém, a autora ressalta que muitas vezes nos esquecemos de que todo conhecimento coletivo é sempre um conhecimento que se constitui sociocognitivamente, ou seja, que se desenvolve devido ao fato de os indivíduos instaurados como sujeitos sociais evoluírem constantemente.

Sendo assim, postulamos que todas às vezes que processamos ou produzimos textos, na verdade, estamos manifestando nosso ponto de vista sobre determinado(s) assunto(s) e, assim, revelando o que somos, o que pensamos, no que acreditamos. Dessa forma, colaboramos para a (re)elaboração das coisas em geral, ou seja, (re)construímos novas maneiras de enxergar o mundo e as coisas nele criadas e/ou situadas.

Em consonância com Koch (2001), os textos não devem ser entendidos como uma forma de armazenar e representar as informações, haja vista que eles não são transcrições linguísticas de elaborações, estruturas e processos cognitivos, e sim, as diversas formas de cognição textual.

Incluem-se aí todos os modos de uso comunicativo de formas coletivas do conhecimento, que necessitam ser considerados como formas de distribuição comunicativa do conhecimento: somente assim, nas sociedades modernas, o conhecimento coletivo complexo pode reivindicar validade e relevância social. Isto é, os textos são, por um lado, formas de elaboração, diferenciação e estruturação de conhecimento e, por outro, formas de controle, crítica e transformação, bem como de constituição e apresentação ("retoricamente" orientada) do conhecimento, visando ao que, em termos bakhtinianos, se denominaria uma comunicação responsiva ativa. Todo o conhecimento declarativo de nossa sociedade é (com exclusão daquele que se traduz em números ou fórmulas, primariamente lingüístico, ou melhor, conhecimento textualmente fundado). (KOCH, 2001, p. 6).

Por consideramos a dinamicidade dos textos e a importância dos objetos de discurso como uma forma de expansão dos conhecimentos e (re)construção dos referentes textuais, o conceito de textos tomado como relevante para nós nesta pesquisa é o de textos

como construtos sociais, ou seja, como *frutos* de uma determinada instância comunicativa em que tanto o locutor quanto o interlocutor, e o(s) conhecimento(s) partilhado(s) entre eles é/são importante(s) para o processamento de informações cotextuais e contextuais que visam à composição do universo textual e a (re)construção de sentidos dos textos.

3.1.1 Referenciação e Progressão Textual

Koch e Elias (2009) consideram que a referenciação são as diversas formas de introdução de novas entidades ou elementos textuais e quando mais adiante esses elementos são retomados no texto acontece a progressão textual.

Em consonância com as autoras, a progressão textual se realiza por meio de pronomes anafóricos e não consiste somente em retomadas de determinados referentes ou objetos de discurso expressos no cotexto, mas também a algum tipo de informação já conhecida do leitor, que funciona como uma espécie de âncora ou gatilho para o processamento e recuperação de informações.

De acordo com Koch e Elias (2009), os referentes não representam diretamente o mundo real, mas são elaborados e reelaborados no interior do próprio texto, portanto a referenciação é uma forma discursiva em que os interlocutores, durante o processo de interação verbal, operam sobre o material linguístico que têm à sua disposição. Dessa forma, tanto as atividades de fala quanto as atividades de escrita sugerem em seu desenvolvimento que:

Façamos constantemente referência a algo, alguém, fatos, eventos, sentimentos; mantenhamos em foco os referentes introduzidos por meio da operação de retomada; desfocalizemos referentes e os deixemos em *stand by*, para que outros referentes sejam introduzidos no discurso. (KOCH e ELIAS, 2010, p.131).

Koch e Elias (2010) ressaltam que é por meio desses mecanismos de textualização que os referentes ou objetos de discurso são construídos ao longo dos textos. Nesse sentido, quando se acrescenta uma informação nova aos referentes, mesmo que de forma implícita, tais informações podem colaborar para a progressão textual. As autoras sustentam que para garantirmos a continuidade de sentido de um texto é necessário estabelecermos um equilíbrio entre duas exigências básicas: _ a repetição (retroação) e a

progressão, pois a elaboração de um texto remete-se continuamente a elementos ou referentes já mencionados anteriormente, ou seja, a elementos que já foram introduzidos na memória do interlocutor; e acrescenta-se a eles, elementos novos, que também colaborarão para o suporte e acréscimo de outras informações.

Desse modo, a retomada dos objetos de discurso pode ser feita de modo retrospectivo utilizando-se um pronome anafórico, ou de modo prospectivo através do uso de catáforas. Esses mecanismos de retrospectão e prospecção possibilitam um equilíbrio entre as informações velhas e as informações novas contribuindo dessa forma para que o leitor compreenda o(s) sentido(s) do(s) texto(s).

4 ESTRATÉGIAS DE REFERENCIAÇÃO

Em consonância com Koch e Elias (2009), admitimos como expressões referenciais todos os elementos que designam os objetos de discurso, ou seja, todos aqueles elementos que possibilitam ao interlocutor (re)construírem os processos de referenciação nos(s) texto(s).

Fundamentados nas autoras, apresentamos as seguintes estratégias de referenciação:

a) Introdução de um referente ou objeto de discurso: Quando uma expressão textual totalmente nova aparece no texto.

b) Retomada ou manutenção: Tem-se uma retomada ou manutenção quando uma expressão ou elemento já citado no texto é reativado ou retomado por uma nova expressão referencial.

c) Desfocalização: Quando um novo referente ou objeto de discurso é introduzido no texto e passa a ocupar a posição central. O objeto retirado do texto, porém, permanece em estado de ativação parcial (*stand by*) podendo ser reativado sempre que necessário, ou seja, o novo referente fica em foco, mas os já introduzidos previamente não são totalmente desativados, ficam à disposição para voltarem ao foco.

Essa divisão ternária proposta por Koch e Elias (2009) sugere que um objeto de discurso pode ser primeiramente ativado, para depois ser reativado ou colocado novamente em foco e, novamente, ser desativado, ou seja, sair de cena. Nesse sentido, percebemos que os referentes ou objetos de discurso são dinamicamente (re)elaborados à medida que são acrescentadas informações novas no texto. Essas informações podem colaborar para a progressão textual e para a (re)construção de sentidos do texto por parte leitor.

Em outras palavras, Koch (2004) sugere que as estratégias de referenciação textual, responsáveis pela ativação/reactivação dos objetos de discurso, ocorrem devido à capacidade intelectual dos indivíduos em processarem informações e armazená-las na mente, essas informações estão prontas para ser ativadas/reactivadas, a fim de que a comunicação seja efetivada/partilhada no processo de interação entre os interlocutores.

A reconstrução/reativação é a operação responsável pela manutenção em foco, no modelo de discurso, de objetos previamente introduzidos, dando origem às cadeias coesivas, responsáveis pela progressão referencial do texto. Pelo fato de o objeto encontrar-se ativado no modelo textual, ela pode realizar-se por meio de recursos de ordem gramatical (pronomes, elipses, numerais, advérbios locativos, etc.) bem como por intermédio de recursos de ordem lexical (reiteração de itens lexicais, sinônimos, hiperônimos, nomes genéricos, expressões nominais, etc.). (KOCH, 2004, p. 67).

Salientamos que a progressão textual se efetiva mediante a capacidade que o autor tem de (re)elaborar constantemente referentes ou objetos de discurso no texto. Contudo, a introdução, a retomada e a substituição desses referentes ou objetos de discurso devem se dar de maneira adequada e possibilitar um compartilhamento de informações entre autor e leitor do texto.

Entretanto, ressaltamos que alguns referentes ou objetos de discurso podem aparecer implicitamente no texto. Nesse caso, faz-se necessário que o autor apresente algumas pistas linguísticas a fim de orientar o leitor para recuperação das informações apresentadas no texto. Isso exige também que autor e leitor tenham no mínimo alguns conhecimentos partilhados.

4.1 (RE)CONSTRUÇÃO DE REFERENTES TEXTUAIS

Para Cavalcante (2011), falar sobre alguma coisa e nomear os referentes envolve, de certa forma, um processo contínuo de “desestabilização” do que poderia ser comum ou inquestionável para qualquer pessoa, pois não representamos o real, apenas contribuímos para a (re)elaboração das coisas e do mundo designando-as de acordo com nossas intenções em determinadas instâncias discursivas, quer sejam elas escritas ou orais.

É como sintetiza Ciulla e Silva (2008): elaborar e reelaborar referentes requer a consideração de elementos linguísticos, de pistas extralinguísticas e necessariamente, de muitas inferências, para que os participantes da interação achem que estão atentando para a mesma entidade, mesmo que esse referente não seja precisamente o mesmo para a mente dos interlocutores, pois haverá sempre um viés de diferença no modo como cada um concebe e percebe as coisas. (CAVALCANTE, 2011, p. 47-48).

De acordo com a autora, os referentes não constituem uma realidade absoluta/única, mas colaboram para a construção e reconstrução dos significados, de forma

que os participantes de uma comunicação devem ter conhecimentos partilhados para que os propósitos dessa comunicação sejam de fato efetivados, e, ao elaborar ou reelaborar um referente textual, esses participantes devem estar atentos aos elementos linguísticos e extralinguísticos.

Ciulla e Silva (2008) considera que a capacidade de fazer inferências está relacionada à nossa capacidade de compreensão das coisas, capacidade essa, que, está enraizada nas estruturas biológicas comuns a todos os seres humanos, mas, que somente pode ser experimentada e vivenciada pelos falantes:

Dentro de um domínio de sua ação conjunta, bem como de sua história cultural, o que significa que as idéias sobre as coisas não estão completamente prontas e definidas em nossas mentes, antes de nos referirmos a elas numa situação discursiva. (CIULLA e SILVA, 2008, p. 19-20).

Para Ciulla e Silva (2008), os elementos linguísticos são instáveis e, por isso, a referência deve ser concebida como um processo em que não se separa o linguístico do extralinguístico, haja vista que muitas vezes as inferências só podem ser concebidas através de pistas não linguísticas, ou seja, com base na capacidade do interlocutor de fazer associações para o que está além do(s) texto(s).

Porém, ressaltamos que isso só será possível caso o locutor e o interlocutor tenham alguns conhecimentos partilhados, devido serem esses conhecimentos os responsáveis para que os sentidos do texto sejam (re)construídos.

Pensamos que, na verdade, os elementos linguísticos estão imersos, assim como todos os outros elementos da situação extralinguística, no que poderíamos chamar de entorno discursivo. Por isso, a referência é um processo em que não se pode separar completamente o que é linguístico do que não é. O que podemos é inferir a partir do texto, quais objetos estão sendo referidos, de que maneira, por quem, com quais intenções, etc. num cálculo que pode ser ajustado, conforme nos empenhamos na compreensão e de acordo com as outras pistas que nos vão sendo fornecidas à medida que o discurso se desenvolve. O fato de que as inferências que são autorizadas pelos elementos materiais do texto são essenciais para completar-lhes o sentido é uma evidência de que essas inferências fazem parte do processo linguístico. (CIULLA e SILVA, 2008, p. 17).

Cavalcante (2011) associa o pensamento de Ciulla e Silva (2008) às ideias de Ariel (1996): “as expressões referenciais constituem apenas instruções ao destinatário de como este deve recuperar da memória parte de uma determinada informação. Elas indicam quanto acessível está esse pedaço de informação”. (CAVALCANTE, 2011, p. 48).

De acordo Cavalcante (2011), não existe uma associação previamente determinada entre as expressões referenciais e os lugares de onde provêm as bases de conhecimentos relevantes para que identifiquemos claramente os referentes.

Em Koch (2009), verificamos que o processamento textual de acordo com a perspectiva sociointeracionista da linguagem é concebido como sendo uma atividade interacional. Essa teoria reconhece a necessidade de um sujeito/planejador que, ao se relacionar com outros sujeitos constrói um texto sob a influência de uma complexa rede de fatores entre eles: crenças, convicções, conhecimentos de mundo e sociais supostamente compartilhados.

A autora reconhece a existência de um indivíduo que planeja e organiza seus textos numa inter-relação com outros indivíduos. Dessa forma, a construção de um texto implica a existência de fatores complexos, entre os quais, o conhecimento compartilhado entre os interactantes, a especificidade da situação, os valores etc.

Consideramos impossível isolar fatos estritamente linguísticos (cotextuais) dos fatos extralinguísticos (contextuais) durante o processo de referenciação.

A fim de ilustrarmos essa assertiva apresentamos o seguinte exemplo:

Vi e ouvi a nova música do **Arctic Monkeys** no site da Folhateen. Realmente é uma **banda diferenciada**. Um exemplo para aqueles que fazem ou gostam de uma boa música.

Um rife pesado introduz uma música poderosa e gostosa de se ouvir. O guitarrista Jamie Cook é único, com uma sonoridade que remete aos anos 70, com quebrada de ritmo e solos imponentes. (VICENTINI, 2011, s./p.).

Nesse excerto, o autor apresenta informações sobre a nova música do *Arctic Monkeys* e o fato de essa banda ser uma *banda diferenciada* e ter um *Rife pesado*. Porém, o autor não fornece ao leitor informações cotextuais relevantes no que diz respeito a música e a banda, dificultando dessa forma, a (re)elaboração dos sentidos por parte do leitor. Assim, nesse texto a coerência não está relacionada apenas a informações cotextuais, mas também à capacidade do leitor de fazer inferências linguísticas e extralinguísticas, o que depende no mínimo que autor e leitor tenham alguns conhecimentos compartilhados.

Por isso, salientamos mais uma vez que os referentes textuais utilizados pelo autor são de fundamental importância no que diz respeito à capacidade de direcionarem o leitor para a recuperação de informações contextuais e conseqüentemente, para a (re)elaboração de sentidos do(s) texto(s).

Pudemos observar que a progressão textual se efetiva a partir da (re)elaboração dos objetos de discurso e que tais objetos funcionam como elos coesivos que permitem ao autor/produtor do texto compartilhar suas ideias com interlocutor/leitor e possibilitá-lo a construir/reconstruir os sentidos desse texto. Dessa forma, mesmo quando os referentes não estiverem explicitados em um conteúdo expresso no cotexto anterior, o leitor, mediante algumas pistas textuais oferecidas pelo autor/produtor e/ou pelo co(n)texto será capaz de inferir qual o referente que está sendo retomado ou reativado.

4.2 O USO DE ANÁFORAS

De acordo com Marcuschi (2005b), o termo *anáfora* originou-se na retórica clássica e representava a repetição de uma expressão ou de um sintagma no início das frases. Porém, atualmente, essa definição distancia-se da sua noção original.

Hoje, referimo-nos às anáforas “para designar expressões que, no texto, se relacionam a outras expressões, enunciados, conteúdos ou contextos textuais. (retomando-os ou não), contribuindo assim para a continuidade tópica ou referencial”. (MARCUSCHI, 2005b, p. 54-55).

Em consonância com Marcuschi (2005b), Koch e Elias (2009) definem as anáforas como:

O mecanismo lingüístico por meio do qual se aponta ou remete para elementos presentes no texto ou que são inferíveis a partir deste. Comumente, reserva-se a denominação de anáfora à remissão para trás. Por exemplo: Paulo saiu; **ele** foi ao cinema. (KOCH e ELIAS, 2009, p. 127).

Apothéloz (2003) postula que a ideia de que o pronome anafórico remete a uma expressão antecedente não é muito correta, já que o termo antecedente, em muitos casos, não é indispensável para a interpretação textual. Outras vezes, somente a identificação do termo antecedente não é suficiente para que se apreenda a relação estabelecida pelas anáforas, ou seja, os conhecimentos extralingüísticos e a capacidade do leitor de fazer inferências textuais são de suma importância para a (re)construção de sentidos de um texto.

Segundo o autor, a existência de uma anáfora não exige um antecedente representado apenas por um elemento, mas sim, a remissão a alguma parte do cotexto. Dessa

forma, as anáforas não somente retomam o referente anterior, mas constroem novos referentes, ou seja, colaboram para a continuidade textual e para a manutenção referencial ou temática e são imprescindíveis para a progressão textual.

Para Koch (2009), algumas anáforas retomam referentes principais ou temáticos e percorrem, geralmente, o texto inteiro e outras anáforas não retomam um elemento explícito. Assim, a reativação dos referentes se constrói por meio de pistas textuais.

São vistos como anafóricos não somente elementos do texto que remetem a sintagmas ou a um ou alguns constituintes de alguns sintagmas, como os que remetem a porções inteiras, maiores ou menores, do texto antecedente ou subsequente. Incluem-se também, na noção de anáfora, além dos elementos que fazem remissão a outros expressos no texto, os que remetem a elementos do universo cognitivo dos interlocutores, desde que ativados por alguma expressão no texto. (KOCH 2009, p. 51).

Ressaltamos que, nesta pesquisa, as anáforas serão tomadas por nós a partir de uma relação semântica e não sintática, de modo que não somente os aspectos gramaticais serão considerados como relevantes para indicar o processo de referenciação entre um referente e a forma remissiva, mas principalmente, as informações linguísticas e extralinguísticas.

4.2.1 Anáforas diretas

Marcuschi (2005b) identifica as anáforas diretas como aquelas que retomam um elemento anterior mencionado explicitamente no cotexto e estabelecem uma relação de correferência entre o elemento anafórico e o elemento retomado.

Na realidade, a anáfora direta seria uma espécie de substituto do elemento retomado. A noção de co-referencialidade é nestes casos crucial, embora nem sempre se dê de modo estrito. Seguramente aspectos gramaticais, serão decisivos em muitos casos, em especial quando houver mais de um candidato antecedente referencial. Pode-se dizer que a visão clássica da anáfora direta se dá com base na noção de que a anáfora é um processo de reativação de referentes prévios. (MARCUSCHI, 2005b, p. 55).

Marcuschi (2005b) ressalta também que o estudo das anáforas diretas é limitado, visto não abordar os problemas da referenciação textual em suas relações mais

complexas, pois nem sempre há equivalência entre o pronome anafórico e o termo antecedente.

A fim de compreendermos melhor a substituição dos pronomes anafóricos pelos elementos ou expressões mais complexas recorreremos ao exemplo que se segue:

É difícil discorrer sobre “**Rio**”. Todo mundo pensa que é fácil falar sobre **o filme**, ainda mais por ser uma animação que fala do Brasil e é aí que o pessoal se engana, pois o que ocorre é exatamente o contrário. Então vamos com calma.

O filme conta a história de Blu, uma arara que ainda filhote é sequestrado e enviado clandestinamente aos Estados Unidos. (GUIMARÃES, 2011, s./p.).

Consideramos que a expressão anafórica *o filme*, utilizada pela primeira vez no texto, retoma diretamente o elemento anterior *Rio*, estabelecendo uma correlação direta entre a anáfora e o termo antecedente. Porém, quando a expressão *o filme* é utilizada pela segunda vez, ela não retoma um termo específico mencionado previamente, mas funciona como um gatilho responsável pela sumarização de informações anteriores e posteriores.

Observamos nesse exemplo que o uso da anáfora direta não está apenas correlacionado a um referente explícito no texto, o que sugere uma atenção maior por parte do leitor no que tange à identificação da anáfora e do elemento ou expressão que a engloba.

4.2.1.1 Anáforas indiretas

Segundo Marcuschi (2005b), as anáforas indiretas são um caso de referência textual, visto que elas colaboram para a construção, indução ou ativação de referentes na produção textual discursiva. O autor ressalta que devemos considerar como relevantes estes três aspectos no que diz respeito a esse tipo de anáforas: primeiro, a não vinculação da anáfora com a correferencialidade, segundo, a não vinculação da anáfora indireta com a noção de retomada e terceiro, a introdução de um referente novo.

A anáfora indireta é geralmente constituída por expressões nominais definidas, indefinidas e pronomes interpretados referencialmente sem que lhes corresponda um antecedente⁷ (ou subsequente) explícito no texto. Trata-se de uma estratégia endofórica de ativação de referentes novos e não de uma reativação de referentes já

⁷ Entenda-se por antecedente nesta pesquisa, as entidades ou partes do texto que foram introduzidas em um primeiro momento. Assim, o termo antecedente pode ser uma palavra explícita no cotexto ou pode funcionar como uma marca linguística ou pista textual orientando o leitor para a construção de sentidos do texto. Observação: Na pesquisa *antecedente* não está relacionado à noção de correferencialidade.

conhecidos, o que constitui um processo de referenciação implícita. (MARCUSCHI, 2005b, p. 53).

Na visão de Marcuschi (2005b), os fenômenos relacionados a uso das anáforas indiretas geralmente são constituídos por expressões nominais definidas, indefinidas e pronomes que são interpretados referencialmente sem uma relação explícita com um elemento precedente no texto. Nesse caso não ocorre uma retomada a um elemento textual, e sim, a ativação de novos referentes.

A ligação entre a anáfora indireta e o elemento anterior se dá através de uma relação parte-todo, ou seja, este tipo de anáfora ancora cognitivamente na expressão nominal antecedente.

Para melhor discorrermos melhor sobre esse tipo de anáforas utilizamos o seguinte exemplo:

(...) **sinhá Vitória**, queimando o assento no chão, as mãos cruzadas segurando os joelhos ossudos, pensava em acontecimentos antigos que não se relacionavam: festas de casamento, vaquejadas, novenas, tudo numa confusão. [...] **A caatinga** ressuscitaria, **a semente do gado** voltaria ao curral, ele, **Fabiano**, seria o dono daquela fazenda morta. Chocalhos de badalos de ossos animariam a solidão. **Os meninos**, gordos, vermelhos, brincariam no chiqueiro das cabras, **sinhá Vitória** vestiria saias de ramagens vistosas. **As vacas** povoariam o curral. E a caatinga ficaria toda verde. (RAMOS, 2007, p. 11-15).

Nesse exemplo, verificamos que as expressões nominais: *A caatinga, a semente do gado, Fabiano, os meninos e as vacas* são elementos referenciais que estabelecem uma relação parte-todo entre as sequências textuais.

Essas expressões referenciais são responsáveis por sumarizar todos os conteúdos do texto. Observamos isso porque cognitivamente somos capazes de associar o uso dessas expressões ao pensamento de *sinhá Vitória* e correlacioná-las às informações que se seguem.

Assim, a anáfora indireta é, pois, uma forma de referência textual, que possibilita a construção, indução ou ativação de referentes no processamento textual discursivo. Porém, a associação correta desse tipo de anáforas necessita da atenção cognitiva dos leitores ao processar as informações do texto.

4.2.1.2 Anáforas associativas

Para Koch e Elias (2009), a diferença entre as anáforas associativas e as anáforas indiretas é que a anáfora indireta se caracteriza quando não há no cotexto um elemento explícito, de modo que a retomada é feita por um elemento que funciona como uma espécie de âncora textual ou gatilho.

Já a anáfora associativa é quando se introduz um referente novo no texto através da exploração de relações meronímicas⁸, ou seja, através de uma relação (parte-todo).

Para explicarmos melhor o uso de uma anáfora associativa apresentamos o seguinte exemplo:

Imagine que você, pronto para prestar vestibular deseja se tornar **um advogado** por exemplo. Para isso, você entra em **uma faculdade** e é um dos melhores alunos do curso de direito. (GUIMARÃES, 2011, s./p.).

Nesse exemplo, as expressões nominais *um advogado* e *uma faculdade* estão associadas à informação anterior e também direcionam o leitor para as informações que se seguem estabelecendo uma relação parte-todo entre as sequências textuais. Observamos que a interpretação das anáforas associativas, embora ancorada nas informações anteriores depende do conhecimento partilhado entre os interlocutores.

4.3 ENCAPSULAMENTO, NOMINALIZAÇÃO E ROTULAÇÃO

Para Koch e Elias (2009), a nominalização ou a rotulação são responsáveis pela transformação de enunciados em objetos de discurso e ocorre quando se introduz um referente novo no texto, encapsulando ou resumindo uma informação que está no cotexto anterior ou posterior e rerepresentando-a através de um sintagma nominal. Dessa forma, os rótulos podem ser considerados como prospectivos ou retrospectivos.

⁸ Trindade (2006) traz uma importante contribuição para a semântica lexical sobre as relações meronímicas, ela examina os casos de meronímia consideradas não convencionais e procura defini-las: 1) São estudadas por vários pesquisadores, através de perspectivas teóricas nem sempre condizentes; 2) Analisa a relação entre a meronímia e a polissemia; 3) Analisa a dificuldade em se tratar formalmente os enunciados nos quais a interpretação depende do conhecimento contextual.

As autoras não fazem distinção entre os termos: encapsulamento, sumarização e rotulação, considerando-os como uma característica própria das nominalizações que resumem as informações que estão em segmentos anteriores ou posteriores no texto, encapsulando-as através de uma expressão nominal ou pronominal, transformando-as assim em objetos de discurso. Nesse sentido, o encapsulamento pode ser realizado, por exemplo, por meio de um pronome demonstrativo neutro, como: (isto, isso, aquilo, o), ou através de uma expressão nominal, ocorrendo assim, o que se denomina rotulação.

No entanto, convém ressaltar que as anáforas encapsuladoras ganharam destaque a partir das pesquisas de Francis (2003). Para a autora, toda anáfora encapsuladora na verdade é uma rotulação (*labelling*) que se realiza por meio de uma expressão nominal selecionada pelo enunciador para conectar e organizar o discurso.

Francis (2003) salienta que a classificação dos rótulos deve ser feita de acordo com a função e a posição que eles assumem em determinado texto.

De acordo com Francis (2003), o rótulo consiste num recurso metafórico que é utilizado para conectar e elaborar o discurso. “Os rótulos podem funcionar cataforicamente (para frente) ou anaforicamente (para trás). Quando o rótulo preceder sua lexicalização, será chamado de rótulo prospectivo, quando seguir sua lexicalização, será chamado de retrospectivo”. (FRANCIS, 2003, p. 192).

Koch (2008) esclarece que os rótulos são multifuncionais, ou seja, eles atuam no texto como instruções de saliência para a construção e reconstrução dos sentidos. Nesse sentido a autora dá ênfase às diversas funções que os rótulos podem desempenhar:

1. funções cognitivo-discursivas:

- formação de complexos, sua delimitação e interpretação;
- sumarização/encapsulamento e posterior categorização de um segmento textual, o que permite ao leitor/ouvinte a alocação, na memória, de um novo referente textual, que fica disponível para servir de base a novas predicções;
- função de organização textual: ao encadear segmentos textuais, os rótulos exercem papel de relevância na organização micro- e macroestrutural do texto. Além de constituírem importantes recursos anafóricos ou catafóricos, responsáveis pela coesão textual, são freqüentemente responsáveis pelo encadeamento tópico, bem como determinantes, muitas vezes, da própria paragrafação (cognitiva e/ou gráfica) do texto, visto que podem assinalar quer desvios e retomadas de tópico, quer o início de novas etapas na argumentação [...]

2. função de orientação argumentativa: os rótulos (isolados ou acompanhados de modificadores adjetivais) são meios privilegiados de condução e explicitação de pontos de vista do produtor não só no que diz respeito aos conteúdos veiculados, como também aos seus enunciadores, inscrevendo, desta forma, a argumentatividade no texto. (KOCH, 2008, p. 207-208).

Fundamentados em Koch (2008), observamos que: 1) – os rótulos exercem funções cognitivo-discursivas resumindo ou encapsulando fragmentos anteriores no cotexto,

ou categorizando um segmento textual, o que nos permite (re)construir um novo referente. É nesse sentido que a rotulação consiste num forte recurso responsável pelo desenvolvimento das ideias do texto, bem como pela demarcação dos parágrafos.

Conforme a autora, a paragrafação não necessita ser feita no sentido estrito, ela pode ser efetuada cognitivamente; haja vista que pode assinalar retomada, quanto também, representar novos estágios da argumentação.

2) – os rótulos podem vir sozinhos ou acompanhados de adjetivos ou expressões adjetivas responsáveis pela explicitação dos argumentos, ideias, pontos de vista etc. que o autor deseja enfatizar no texto.

Com respaldo em Koch (2008) e Koch e Elias (2009), nesta pesquisa não fazemos a distinção entre os termos: encapsulamento, rotulação e sumarização. Assim, esses termos são utilizados por nós como termos intercambiáveis.

Para melhor explicarmos o uso dessas expressões e como elas (re)ativam informações encapsulando, resumindo ou sumarizando conteúdos precedentes ou posteriores de um texto recorreremos ao seguinte exemplo:

Rio é uma **linda animação. Colorida, bem feita e estruturada**. Carlos Saldanha fez um bom trabalho que possui como foco a paisagem e a alegria do Rio de Janeiro, exaltando a beleza da cidade, de sua fauna e flora. (GUIMARÃES, 2011, s./p.).

Nesse exemplo, o referente textual: **Rio** modificado pelas expressões adjetivas: **linda animação, colorida, bem feita e estruturada** não deve ser considerado apenas a introdução de um referente textual, pois nesse texto esse referente é responsável por encapsular todas as informações que se seguem. Assim, a introdução desse referente de acordo com Koch (2008) é uma rotulação prospectiva.

Entretanto, Koch (2008), salienta que todas as expressões rotuladores contêm algum grau de subjetividade, ou seja, quando o produtor do texto rotula segmentos textuais e (re)constrói um novo objeto de discurso, ele procede a uma avaliação do que é dito nesses segmentos e escolhe os rótulos que julga mais adequados para que sua opinião seja concretizada na interação.

4.3.1. Expressões nominais definidas e indefinidas

De acordo com Koch e Elias (2009), as descrições ou expressões nominais definidas são formas linguísticas que consistem no uso de um determinante definido como, por exemplo, um artigo definido ou um pronome demonstrativo seguido de um nome. Assim, essas expressões operam uma seleção dentre as diversas propriedades que caracterizam o referente real.

A escolha adequada de uma expressão nominalizadora pode possibilitar ao leitor/ouvinte processar e (re)elaborar informações relevantes sobre crenças, fatos, pontos de vista, valores etc. do produtor de um texto.

Tendo em vista essa questão, o uso de expressões nominais definidas, ou seja, de expressões que descrevem o referente textual equivale a uma escolha que visa atribuir significados aos objetos de discurso.

As autoras postulam também, que quando se utiliza formas diminutivas, por exemplo, elas podem revelar afeto, carinho ou a empatia do produtor pelo referente, ou, em situações de fala, dependendo do tom e do uso de determinadas marcas prosódicas, gestos etc. podem representar uma atitude pejorativa, permitindo aos interlocutores depreender a orientação argumentativa que o produtor pretende imprimir no seu texto.

A fim de explicar essa assertiva recorreremos ao seguinte exemplo:

As Duas Cachorras

Moravam no mesmo bairro. Uma era boa e caridosa; outra, **má** e ingrata.

A boa, como fosse diligente, tinha a **casa bem arranjadinha**; **a má**, como fosse vagabunda, vivia ao léu, sem eira nem beira.

Certa vez... **a má**, em véspera de dar cria, foi pedir agasalho **à boa**:

- Fico aqui num cantinho até que meus filhotes possam sair comigo. É por eles que peço...

A boa cedeu-lhe a casa inteira, generosamente.

Nasceu a ninhada, e **os cachorrinhos** já estavam de olhos abertos quando a dona da casa voltou.

- Podes entregar-me a casa agora?

A má pôs-se a choramingar.

- Ainda não, generosa amiga. Como posso viver na rua com **filhinhos tão novos**? Conceda-me um novo prazo.

A boa concedeu mais quinze dias, ao termo dos quais voltou.

- Vai sair agora?

- Paciência, **minha velha**, preciso de mais um mês.

A boa concedeu mais quinze dias; e ao terminar o último prazo voltou.

Mas desta vez **a intrusa**, rodeada dos filhos já crescidos, robustos e de dentes arreganhados, recebeu-a com insolência:

- Quer a casa? Pois venha tomá-la, se é capaz... (LOBATO, 2010, s./p.).

Nesse texto, as expressões *A boa* e *a má* são utilizadas como uma retomada ao título *As duas cachorras* e também são responsáveis por caracterizar as duas cachorras e sumarizar as sequências textuais que se seguem.

Chamamos a atenção também para o uso das expressões referenciais: *bem arranjadinha* e *os cachorrinhos*. De acordo com o cotexto notamos que o uso dessas expressões revela o carinho que o produtor tem em relação aos *cachorrinhos* e à *boa*. Isso é facilmente percebido nas sequências textuais apresentadas no texto.

O mesmo não ocorre em relação ao uso da expressão referencial *filhinhos tão novos*. Embora essa expressão retome diretamente a expressão nominal *cachorrinhos*, notamos que ao produzir esse discurso a cachorra *má* utiliza certo tom irônico e maléfico. Tal fato é confirmado mais adiante pelo uso da expressão referencial: *minha velha* e pelo desfecho do texto.

4.3.2 Categorização de referentes textuais

Mondada e Dubois (2003) afirmam que as categorias utilizadas para descrever as coisas no mundo são modificadas, por sua vez, de acordo com a evolução do mundo: quer seja por meio de discursos comuns, quer seja por meio de discursos científicos de modo que, “são múltiplas e inconstantes; são controversas antes de serem fixadas normativa ou historicamente”. (MONDADA e DUBOIS, 2003, p. 22).

Dessa forma, a categorização está profundamente ligada aos processos de referenciação, pois aponta para a noção de instabilidade dos objetos de discurso defendida por Mondada e Dubois (2003) e, também, por nós nesta pesquisa.

Em consonância com as autoras, as categorias discursivas podem ser nomeadas e modificadas. Desse modo, as modificações categóricas surgem mais notoriamente quando uma situação de interação verbal, por exemplo, é observada por pontos de vista diferentes que apontam para diferentes perspectivas e implicam na categorização e recategorização dos objetos de discurso.

Para explicarmos como a categorização de referentes modifica as sequências discursivas recorreremos a um exemplo criado por nós:

Cansado, o professor pede ao **Joãozinho** que apague o quadro:

- **Joãozinho**, apague o quadro para mim?
- E o **Joãozinho** responde:
- Não. Não apago não.
- Então, o professor diz:
- Ô **Joãozinho**, você é **um menino tão legal e tão obediente!**
- Então o Joãozinho responde:
- Tá bom, dá aí o apagador que eu apago.

Observamos no exemplo apresentado que a substituição do referente textual *Joãozinho* pela expressão referencial *um menino tão legal e tão obediente* corroborou para a mudança de discurso do *Joãozinho*. Consideramos também que essa mudança não foi apenas uma mudança discursiva, mas também uma mudança de atitude, haja vista que realizou uma ação diferente da apresentada no início do texto.

Assim, a categorização de referentes ou objetos de discurso não é algo estável. As opiniões sobre determinados assuntos ou questões serão divergentes todas às vezes que os interlocutores assumirem posturas diferentes a respeito de uma coisa, entidade, objeto, ser, etc.

5 METODOLOGIA DE PESQUISA: PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE

Nesta pesquisa, de caráter descritivo e qualitativo, visamos verificar como a referenciação colabora para a (re)elaboração de sentidos de um texto e para a sua progressão textual.

Dessa forma, como base no aporte teórico apresentado, analisaremos, especificamente, a introdução, a retomada e a substituição de alguns referentes e expressões referenciais que consideramos importantes para a manutenção e sustentação da tese defendida pelo autor do início ao fim do texto.

Para isso, partimos do pressuposto de que a introdução, a substituição e a retomada de um referente ou expressão referencial não é apenas uma mera escolha de palavras por parte do autor. As estratégias de referenciação revelam, sim, um projeto de dizer e representam a opinião do autor em relação a: assuntos, coisas, entidades, objetos, partido político, pessoas, religião etc. Dessa forma, tanto textos escritos quanto textos orais revelam a forma de “dizer” e “ser” do autor em relação ao mundo.

Nesse sentido, em nossas análises procuraremos evidenciar como a introdução de expressões ou referentes textuais e de elementos que retomam ou substituem esses termos corroboram para a sustentação dos pontos de vista desenvolvidos pelo autor de um texto. Além disso, buscaremos verificar de que forma o uso desses elementos colabora/interfere na progressão e (re)elaboração de sentidos do texto por parte do leitor.

A fim de efetuarmos tal verificação, faremos a análise de oito textos postados no Blog do Folhateen no ano de 2011. A seleção dos textos foi feita de maneira aleatória, devido ao fato de os textos publicados nesse site englobarem assuntos diversificados. Buscamos, na medida do possível, privilegiar textos que mantêm uma sequência argumentativa.

5.1 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DO *CORPUS*⁹

⁹ Os oito textos que compõem o *corpus* encontram-se no Anexo do trabalho tal como apresentados no blog do Folhateen.

Texto 1¹⁰

Sono é um problema

[1] De **todos os problemas** que podem existir para dificultar seus estudos ou qualquer outra atividade que precise de um alto nível de atenção, **o sono é um dos piores.**

[2] Imagine que sua aula acabou e você precisa estudar em casa, mas está cansado demais para estudar à tarde. Então você chega a sua humilde moradia e decide dormir.

[3] Pode apostar que em determinado momento de seu "cochilo vespertino" você perceberá **uma presença, um vulto.** Daí você abre apenas um olho para dar uma conferida. Sua mãe ou seu pai estará lá, com um copo de água na mão, pronto para escorrer em seu rosto e a briga começa. **Isso** não ajuda ninguém a estudar.

[4] **Ninguém consegue estudar bem com sono.** Às vezes, o pai, a mãe ou o responsável não entende que se seu filho está com sono e que o certo é deixá-lo dormir, pois quando acordar, estará disposto para os estudos. Mesmo que já esteja de noite, na hora de realmente dormir. Afinal, **o maior problema da juventude atual é regular o sono.**

[5] No meu caso, quando acordo após um cochilo, já começo a passar as coisas a limpo, reler os registros e pronto para começar os exercícios. Isso pode ocorrer em horários diversos, seja seis da tarde ou duas horas da madrugada. Mas o importante é que o estudo acontece. Afinal, o que tinha que ser feito foi feito, certo? A qualidade teria sido a mesma com sono? Certamente não.

[6] Então você, adulto e/ou responsável, entenda: não adianta seu filho ficar sentado na escrivaninha em **forma de vegetal**, sem entender nada do que está lendo e apenas desejando intensamente o seu travesseiro. Deixe-o(a) dormir e quando acordar apenas fale: "Ok, agora é hora de estudar", mesmo que isso seja de madrugada, pois se o sono já é um grande inimigo, você não vai querer ser o próximo infernizando a vida de seu filho até ele acordar. E se você insistir em deixá-lo acordado, você terá apenas **uma coisa sentada na escrivaninha: um vegetal.**

¹⁰ Todos os textos a serem analisados tiveram seus parágrafos numerados com o propósito de facilitar a sua citação durante a análise.

No primeiro parágrafo observamos que a expressão *o sono* refere-se à introdução de um referente textual, haja vista que esse elemento não havia sido mencionado previamente no texto. Porém não se trata apenas da introdução de um novo elemento textual. Nesse sentido, *o sono* é responsável por encapsular tanto conteúdos anteriores como posteriores do texto. Isso acontece porque (cognitivamente) e linguisticamente somos capazes de associar esse referente ao título do texto, e como um dos principais problemas para a não realização dos estudos no período da tarde conforme a informação apresentada no segundo parágrafo do texto.

Observamos também que o uso da expressão *de todos os problemas* remete a uma informação contida no próprio título do texto *Sono é um problema* e antecede a informação que se segue *o sono é um dos piores*. Assim, essa expressão é considerada por nós um rótulo retrospectivo responsável por sumarizar conteúdos anteriores e também, um rótulo prospectivo, pois encapsula a informação que se segue: *o sono é um dos piores*.

No terceiro parágrafo, o uso das expressões nominais *uma presença* e *um vulto* também são de extrema importância e preparam o leitor para todas as informações contidas no restante do parágrafo, funcionando como expressões nominais rotuladoras prospectivas responsáveis por resumir a ideia que se segue.

O uso do pronome demonstrativo *isso* nesse parágrafo também é bastante significativo, pois esse elemento é responsável pela sumarização das ideias defendidas no parágrafo.

No quarto parágrafo chamamos a atenção para a introdução da expressão *ninguém consegue estudar bem com sono*. Consideramos que o uso dessa expressão entrelaça e reforça a ideia defendida nos parágrafos anteriores e encapsula algumas ideias defendidas na sequência anterior e posterior conforme pretendemos demonstrar adiante.

Para validar a tese *ninguém consegue estudar bem com sono*, o autor utiliza vários elementos ou expressões referenciais entre os quais destacamos a expressão referencial: *o maior problema da juventude atual é regular o sono*. Privilegiamos essa expressão por acreditarmos que ela justifica a postura que o autor visa defender desde o início do texto.

No 5º parágrafo, as expressões *estudar bem com sono*, *com sono* e *o maior problema da juventude atual é regular o sono* englobam toda a tese defendida pelo autor do texto, favorecendo os argumentos apresentados até o momento. Nesse sentido, notamos que até aí, o texto fluiu perfeitamente.

No parágrafo que se segue novamente chamamos a atenção para o uso do referente *isso*, tendo em vista que todas às vezes que o autor/produzidor empregou esse elemento no texto, ele o fez de maneira adequada, ou seja, sem gerar ambiguidade textual.

No último parágrafo a introdução das expressões referenciais *forma de vegetal*, *uma coisa sentada na escrivaninha* e *um vegetal* são de extrema importância para o desenvolvimento das ideias defendidas pelo autor, pois não apenas introduzem elementos novos, mas principalmente corroboram para a sustentação da tese defendida pelo autor: *estudar com sono é um problema*. Dessa maneira, o autor do texto consegue fortalecer todos os argumentos apresentados nos parágrafos anteriores.

Texto 2

Fraqueza da oposição

[1] Com o resultado das **últimas eleições** realizadas ano passado, os partidos da oposição, liderados pelo **PSDB**, estão enfraquecidos. No último dia 10, a revista **The Economist**, **referência** na área econômica e política mundial, analisou a atual conjuntura da **política brasileira** e afirmou que o **PT**, quando estava na oposição, era forte, diferentemente do **PSDB**.

[2] A revista também relata que o **PT** é um partido voltado para os mais necessitados, diferente do **PSDB**, que "sempre foi um **clube de tecnocratas brilhantes** do que uma organização de massas". Não sei se isso é verdade, mas sei que essa fraqueza toda é resultado de pequenos egos inflados e rachaduras desnecessárias que afundam cada vez mais. Vejamos um exemplo: **Aécio Neves, ex-governador do estado de Minas Gerais** e com um eleitorado gigantesco, se recusou a ser vice de **José Serra** na corrida pela presidência por não aceitar ser ator secundário nessa "**peça**". Tal pretensão foi afundada mais ainda quando após a derrota, **José Serra** discursou que ainda lutaria pelas possíveis eleições seguintes.

[3] Recentemente, vereadores e o atual ministro do esporte do estado de S.Paulo Walter Feldman, que é um dos fundadores do partido, anunciaram suas saídas. Feldman disse que o motivo foi resultado do desconforto com o aniquilamento da melhores lideranças do partido.

[4] Não estou sendo **partidário de nenhuma parte**. Apenas estou explicando a situação atual. O grande problema é que todo país precisa da situação e da oposição para funcionar. Caso contrário, se apenas houver uma situação, torna-se uma monopolização do poder, que pode

resultar em mais um ditadura para o país, ou seja, um retrocesso no progresso do Brasil.

[5] É bom os líderes da oposição abaixarem os egos e se preocuparem mais com o país do que com si próprios, senão teremos uma mudança absurda na política brasileira. E quem garante que isso renderá frutos?

Nesse texto, o autor tece argumentos no que diz respeito à atual conjuntura da política brasileira. Para isso, apresenta alguns comentários acerca de dois principais partidos políticos do Brasil – o *PSDB* e o *PT* – e discorre sobre a postura desses dois partidos nas últimas eleições.

A introdução dos referentes *PSDB* e *PT* é de fundamental importância na (re)construção de sentidos desse texto e todas as sequências textuais que se seguem estão interligadas ao posicionamento que o autor tem em relação a esses partidos.

A fim de validar seu posicionamento político, o autor se vale de elementos fortes como a introdução do referente *The Economist*. A introdução desse referente reforça a ideia apresentada no primeiro parágrafo: a *The Economist* é uma revista considerada *referência na área econômica e política mundial*.

Assim, a retomada do termo *The Economist* por *referência* não implica apenas a substituição de um termo por outro, mas sim do uso de um novo elemento textual que reforça o posicionamento do autor em relação aos partidos políticos mencionados. Ao fazer essa substituição, o autor procura induzir o leitor no que tange a aceitação do discurso que propõe: tudo o que será “dito” no texto está embasado em informações que foram publicadas em uma revista que é *referência* no assunto.

Gostaríamos de chamar a atenção também para a introdução dos referentes *partidos de oposição, revista The Economist, política brasileira e PSDB*. Para nós, o uso dessas expressões ou objetos de discurso não somente sumariza (adianta) a informação que se segue: “o *PT*, quando estava na oposição, era forte, diferentemente do *PSDB*”, elas representam a postura que o autor assume ao escolher esses e não outros referentes textuais para expressar sua opinião sobre a atual *política brasileira*.

Observamos, no primeiro parágrafo que ao introduzir o adjetivo *forte* para designar o partido do *PT*, mesmo antes de esse partido ser um líder político, o autor não está simplesmente descrevendo a posição tomada pela revista *The Economist* e sim (re)escrevendo a forma como ele *enxerga* esse partido e se inscrevendo como sujeito no

mudo em que vive. O mesmo acontece com a introdução das expressões nominalizadoras: **clubes de tecnocratas brilhantes, egos inflados, Aécio Neves e José Serra.**

Esses referentes textuais não são apenas descrições dos partidos e/ou dos representantes políticos e sim representações de como o autor (sujeito) se posiciona em relação ao partido do **PSDB** e seus representantes políticos.

Os três primeiros parágrafos nos levam a supor que o autor é partidário do **PT**. Contudo, essa informação não é confirmada no último parágrafo no qual o autor manifesta que não está sendo **partidário de nenhuma parte**. Desse modo, o uso dessa expressão colabora para o enfraquecimento das sequências desenvolvidas ao longo do texto.

Nesse texto a coerência não está relacionada apenas a informações cotextuais, mas também à capacidade do leitor de fazer inferências linguísticas e extralinguísticas, o que depende no mínimo que autor e leitor tenham alguns conhecimentos compartilhados. Nesse sentido, os referentes textuais utilizados pelo autor são de fundamental importância no que diz respeito à (re)construção de inferências textuais e (re)elaboração dos significados do texto.

É importante, também, esclarecermos que esse texto está vinculado a situações históricas específicas e foi produzido no período em que o partido do **PT** governava o Brasil. Essas informações são de extrema importância para a (re)construção de referentes, para que o leitor processe adequadamente informações co(n)textuais, e a partir delas se inscreva como sujeito, manifestando sua postura sobre determinados assuntos.

Texto 3

Marcha polêmica:

[1] A opinião pública está dividida acerca da **legalização da maconha**. Ao se tratar de um **assunto polêmico** é necessário que ambas as partes, tanto as pessoas a favor quanto as pessoas contra, discutam o **assunto** com cautela e munidos de argumentos e respeito pelas opiniões opostas.

[2] No último sábado (21), manifestantes se reuniram no vão livre do Masp, na avenida Paulista, para dar início à **Marcha da Maconha**, um movimento que foi definido por seus organizadores como uma forma de reaver o debate público sobre o uso legal da planta Cannabis para diversos fins.

[3] A **marcha** foi interrompida pela polícia militar que, com gás lacrimogêneo, tentou dispersar os manifestantes, atingindo também pedestres que passavam pela rua, em um ato sem escrúpulos contra a liberdade de expressão.

[4] A **história da maconha** data de muitos anos atrás. Historicamente, sua proibição está mais relacionada a um ato étnico, econômico e político do que a uma preocupação por danos à saúde.

[5] A **ideologia** por trás da marcha é compatível com a *legalização da maconha*. Ao apontar falhas no atual sistema de leis que proíbem seu uso, como o mercado criminoso com vidas desperdiçadas e dinheiro sujo, faz-se apologia ao uso de uma maconha limpa, que usuários possam ter acesso por meio de impostos e praticar seu plantio onde bem entenderem.

[6] Porém, há de ser observado que cada manifestante fala por si só ao impor um uso benéfico da planta. Como eles defendem o uso livre, há quem é partidário da visão de que a maconha é, com toda a certeza, uma droga alucinógena.

[7] Foi provado que a dependência de jovens com personalidades em formação pode acarretar em danos sérios, como síndromes que influenciam diretamente na vida escolar e familiar do usuário.

[8] Assim como o cigarro era visto como uma forma de “estar na moda”, a maconha pode ser essa mesma arma para o jovem contemporâneo, o que poderá trazer aspectos negativos desmedidos na vida em sociedade.

[9] De forma geral, *este assunto* deve ser firmemente analisado, considerando os prós e contras de ambas as partes, sempre respeitando cada uma delas, ao contrário de julgar manifestantes ao chamá-los de “anarquistas chapados” ou chamar os conservadores de “fascistas e nacionalistas”.

[10] Ao mesmo tempo em que podemos diminuir a criminalidade e legalizar uma droga que tem reações negativas tanto quanto o cigarro e o álcool para seus usuários, podemos estar incentivando uma vida debilitada para grande parte da população.

[11] Causas e efeitos têm que ser estudados e devem ser debatidos. Este era o principal motivo da marcha que, no fim, acabou sendo ridiculamente repreendida pela polícia. Infelizmente, **esse evento** nos trouxe uma questão maior e, sem dúvidas, mais importante do que a discussão de liberdade ao ato de acender um baseado: até quando o governo vai delimitar a nossa capacidade de se expressar?

No primeiro parágrafo, a expressão referencial *legalização da maconha* direciona o leitor para todos os argumentos que serão apresentados pelo autor no decorrer do texto de tal forma que essa expressão não somente rotula a informação que se segue, mas também antecipa as expectativas do leitor em relação ao texto.

A escolha de *legalização da maconha* e não de outra expressão referencial para sumarizar informações posteriores pode também surtir no leitor o desejo de continuar ou não a leitura do texto e a escolha desse referente textual direciona o leitor para argumentos acerca de um *assunto polêmico* conforme o autor propõe no primeiro parágrafo.

Em consonância com Francis (2003), postulamos que o uso da expressão referencial *legalização da maconha* é um tipo de rótulo prospectivo, haja vista que essa expressão não é motivada por nenhum elemento do cotexto anterior, ou seja, somente orienta e direciona o leitor acerca do que esperar dos tópicos que se seguem.

No segundo parágrafo, a introdução do referente *marcha da maconha* colabora para que o texto não fique redundante ao retomar o título *marcha polêmica*. Esse referente também sumariza as informações contidas no primeiro parágrafo e direciona o leitor no que diz respeito ao assunto do texto.

No terceiro parágrafo, o autor substitui os elementos referenciais *marcha polêmica e marcha da maconha* por *marcha*. Essa substituição de referentes colabora para o bom desenvolvimento do texto, tendo em vista que a introdução do referente textual *marcha* substitui adequadamente os termos *marcha polêmica e marcha da maconha*. Nesse sentido, podemos dizer que há uma correlação entre as ideias sugeridas pelo autor.

Gostaríamos de chamar a atenção para a introdução dos referentes *história da maconha e ideologia* no quarto e quinto parágrafos respectivamente.

No quarto parágrafo, a introdução do referente *história da maconha* não estabelece a correferenciação entre as informações apresentadas nas sequências anteriores, ou seja, essa expressão não está ligada ao cotexto, e sim a questões sócio-históricas e políticas

acerca da legalização ou não da maconha o que pode dificultar a compreensão de sentidos do texto por parte do leitor e comprometer o desenvolvimento do texto.

No quinto parágrafo, a inserção do referente *a ideologia* retoma diretamente o referente textual *história da maconha* resumizando informações contidas no parágrafo anterior e informações contidas no decorrer do quinto parágrafo. Entretanto, as ideias defendidas no quarto e quinto parágrafo, embora coesas, não estão sustentadas nos argumentos apresentados nos três primeiros parágrafos do texto e somente podem ser compreendidas caso o leitor seja capaz de recuperar informações contextuais acerca da história da maconha. Nesse sentido, o uso do referente *a ideologia* colabora para um possível rompimento dos tópicos anteriores.

No sexto parágrafo, a expressão *cada manifestante* também não especifica diretamente as ideias apresentadas nos parágrafos anteriores. Embora a expressão esteja correlacionada aos indivíduos participantes da legalização da maconha, tal informação não está explícita no cotexto e somente pode ser recuperada mediante a capacidade do leitor de (re)elaborar referentes textuais e fazer associações extralinguísticas.

O referente textual *este assunto* utilizado no nono parágrafo não colabora claramente para o bom desenvolvimento das sequências textuais apresentadas pelo autor, pois gera dúvidas no leitor acerca de qual assunto o autor pretende discorrer: *legalização da maconha, história da maconha* ou *dependência dos jovens?*

Até o quarto parágrafo, o uso de referentes e a retomada de elementos ou expressões referenciais foram realizados de maneira adequada e colaboraram para a sustentação das ideias defendidas pelo autor e para o equilíbrio de informações dadas e informações novas. Entretanto, o mesmo não ocorre nos parágrafos seguintes em que o autor não deixa claro qual é o seu posicionamento no que diz respeito à *legalização da maconha*.

Assim, a introdução dos referentes *história da maconha, a ideologia e estes assuntos* são prejudiciais ao desenvolvimento das sequências anteriores, pois não mantêm uma correferencição direta aos elementos ou expressões cotextuais.

Texto 4

Escolhendo o curso certo

[1] **Maio** foi um mês complicado para mim. Atrasos nas aulas do cursinho, filmes para ver, textos para escrever, peças para ir, estava atolado de coisas para fazer, como sempre. Mas então algo inesperado aconteceu: fiquei em **dúvida entre o curso** que eu queria fazer na

faculdade, **uma das piores coisas que pode ocorrer no ano de um vestibulando**. E, então, ficou a dúvida: **será mesmo que quero fazer cinema?**

[2] **Agora que vocês sabem que pretendo me tornar um cineasta**, o texto **“Não à pirataria, sim à acessibilidade”**, que escrevi recentemente aqui **no blog** parece fazer sentido. E foi então que o **curso de “Publicidade e Propaganda”** surgiu e ficou batucando na minha cabeça. **“Será que não pode ser esse também?”**, eu pensei.

[3] Mas foi no dia **20 de maio** que eu achei **a resposta**: fui à **palestra do Carlos Saldanha, diretor do filme “Rio”**, na **Faap**. Quando o **cineasta** demonstrou todo o processo de seu **projeto** com carinho, como se **tudo aquilo** fosse algo querido, eu senti na hora: é desse mundo que quero fazer parte.

[4] Claro, nem todos tem a sorte grande. Como **ele** mesmo disse, **ele** estava no lugar certo na hora certa. Resta a **nós, cineastas sonhadores**, cruzar os dedos. Mas sem ficar parado. Saldanha ressaltou: o estúdio não vai até você, você que deve ir ao estúdio.

[5] Ou seja, sem esforço não tem recompensa e isso vale para qualquer faculdade e trabalho. Então está mais do que na hora de encerrar esse texto e voltar aos estudos e a vida de cursinho.

No primeiro parágrafo, a introdução do referente textual **maio** rotula todas as informações contidas nos demais parágrafos do texto e remete ao leitor para o período em que ocorreram os acontecimentos descritos pelo autor.

A expressão referencial **uma das piores coisas que pode ocorrer no ano de um vestibulando**, nesse parágrafo, também é de extrema importância para o desenvolvimento das ideias que o autor pretende apresentar ao longo do texto, pois retoma diretamente a expressão anterior – **dúvida entre o curso que eu queria fazer na faculdade** – e sumariza as informações contidas nos tópicos que se seguem. Porém, a introdução da expressão referencial **será mesmo que quero fazer cinema** não corrobora as ideias desenvolvidas nesse parágrafo, haja vista que o autor utiliza essa informação como se ela já fosse conhecida do leitor.

No segundo parágrafo, ao introduzir a expressão referencial *agora que vocês sabem que pretendo me tornar um cineasta*, o autor confirma nosso posicionamento: o de que o leitor não tinha conhecimentos acerca da profissão que o autor tinha escolhido.

Nesse parágrafo, surgem várias expressões referenciais que prejudicam a clareza das informações apresentadas pelo autor no parágrafo anterior. Uma delas se refere à profissão que ele pretende seguir.

- No primeiro parágrafo há a informação: pretendo me tornar um cineasta.
- No segundo parágrafo aparece novamente a dúvida: Por que não o curso de Publicidade e Propaganda?

Notamos nesses parágrafos que o autor não soube manter o equilíbrio entre as informações novas e as informações previamente estabelecidas no contexto. Dessa forma, embora haja coesão entre as sequências textuais desenvolvidas nos dois parágrafos, a falta de esclarecimento das ideias apresentadas prejudicaram o bom desenvolvimento desse texto e a (re)elaboração de sentidos por parte do leitor.

Tendo em vista tais questões, apresentamos também mais alguns elementos textuais que dificultaram tanto a (re)construção de sentidos do texto por parte do leitor quanto o desencadeamento das ideias.

A introdução da expressão referencial “*Não à pirataria, sim à acessibilidade*” interfere o desencadeamento das ideias apresentadas até aqui, já que essa nova expressão não está correlacionada a nenhum elemento previamente anunciado pelo autor e também não está associada à tese apresentada no primeiro parágrafo.

Ao introduzir essa expressão referencial, o autor parte do pressuposto de que o leitor já conhece o texto “*Não à pirataria, sim à acessibilidade*”, o que não foi comprovado até aqui. Porém, ressaltamos que o uso dessa expressão consiste também em uma tentativa por parte do autor de despertar um possível interesse do leitor em relação ao texto “*Não à pirataria, sim à acessibilidade*”, pois, além de mencioná-lo, o autor introduz posteriormente o referente *no blog*, direcionando o leitor para o local em que o texto foi publicado.

No terceiro parágrafo, o uso da expressão referencial **20 de maio** é feito adequadamente, pois retoma o referente textual **maio**, utilizado no primeiro parágrafo; e assim, posiciona o leitor para a data em que ocorreram as informações descritas nas

sequências que se seguem. Porém, o mesmo não acontece no decorrer do parágrafo, como é o caso da introdução do referente textual *a resposta*.

Embora um leitor mais atento consiga inferir a partir das informações já apresentadas que o termo *a resposta* está correlacionado à dúvida acerca do curso que o autor pretende fazer, essa informação não está claramente especificada nas sequências anteriores, o que mais uma vez corrobora o não desenvolvimento do texto. Embora o referente *a resposta* sume todas as informações contidas nos parágrafos anteriores e nos parágrafos que se seguem, essa sumarização somente é entendida se o leitor for capaz de inferir e processar informações a partir de algumas marcas cotextuais ou mediante o compartilhamento de conhecimentos entre autor e leitor, o que nem sempre é possível.

Chamamos a atenção também para o uso da expressão referencial *palestra do Carlos Saldanha* e dos referentes textuais *diretor do filme “Rio”* e *cinasta*. Os dois primeiros termos foram usados adequadamente, pois o autor introduziu um novo elemento e depois esse elemento foi substituído adequadamente pela expressão *diretor do filme “Rio”* e mais adiante pelo referente textual *cinasta*. Porém, no mesmo parágrafo, aparecem duas expressões referenciais que colaboram para o não desenvolvimento do tópico discursivo.

O uso das expressões referenciais *seu projeto e tudo aquilo* não está correlacionado a nenhuma informação apresentada no cotexto e somente pode ser compreendido caso o leitor já saiba de que projeto o autor está “falando” e o que é *tudo aquilo*.

No quarto parágrafo, a introdução da expressão referencial *nem todos tem a sorte grande* e do referente textual *eles* também não faz correferência a elementos apresentados no cotexto e sim a informações que o leitor somente é capaz de recuperar mediante um esforço cognitivo e conhecimentos compartilhados com o autor.

Texto 5

Uma festa de cultura

[1] Na última quarta (6), fiz **a viagem de formatura com o colégio para a cidade de Paraty**. Nesse mesmo período em que ficamos lá, a cidade organizou **a Flip** (Feira Literária Internacional de Paraty). Com hotéis e pousadas lotados, até o camping em que ficamos -- distante do centro-- estava bem movimentado.

[2]**Paraty** tem um clima muito gostoso e aconchegante, seja pelas pracinhas e feirinhas, seja pelo povo hospitaleiro e praias lindas --principalmente a Paraty-Mirim. A viagem de escuna

pelo litoral é maravilhosa, pois podemos mergulhar em alto mar próximas a praias desertas.

[3] À noite, **os barzinhos** são ótimos para curtir com os amigos, mas é necessário uma boa espera, já que por causa da **Flip** estavam lotados. **As baladas** são excelentes e variam no preço. Dinhos' Bar é um lugar simples, mas aconchegante, com boas músicas para dançar. Já o Paraty 33 é mais caro, com bandas ao vivo, que atraem várias pessoas bonitas.

[4] **O festival** é bem organizado, espalhando cultura pela cidade toda e para todos as faixas etárias. As crianças se divertiram com histórias contadas em um teatro improvisado próximo à praça central da cidade, em que ao anoitecer ficava lotada com dançantes casais ao som de música ao vivo.

[5] **Os preços dos ingressos da Flip** iam de R\$ 10 a R\$ 40. Infelizmente, eu não tinha **ingresso para a Flip** – estava louco para ir na tenda do João Ubaldo Ribeiro – e os que restavam não me interessavam. Mas por sorte, descobri em uma área que chamavam de **Flipzona**, um festival de curtas muito interessante em que os jovens da cidade atuaram nos filmes e o próprio diretor comentava sobre os curtas.

[6] Como **ponto negativo do festival**, vejo apenas a falta de policiamento, principalmente de madrugada, no horário de saída das baladas e barzinhos. Por recomendação dos professores, andávamos todos juntos. Por sorte, não aconteceu nada de mal.

[7] Fica a dica para quem gosta de cultura e quer conhecer uma cidade maravilhosa e aconchegante. Ano que vem retornarei para a **Flip**, e, se tudo der certo, com **ingresso em mãos e maioria no RG**.

No primeiro parágrafo a introdução das expressões referenciais *viagem de formatura, com o colégio, cidade de Paraty e Flip* direcionam o leitor para o assunto que o autor pretende tratar ao longo do texto e colaboram para o desenvolvimento dos parágrafos que se seguem sumarizando as informações posteriores.

Conforme observamos, todas as sequências seguintes estabelecem uma correferenciação (ligação) ao cotexto contido no primeiro parágrafo. Tal fato pode ser confirmado no segundo parágrafo com a introdução do referente *Paraty* que substitui adequadamente a expressão utilizada no primeiro parágrafo: *cidade de Paraty*.

No terceiro parágrafo, o uso dos referentes *os barzinhos*, *a Flip* e *as baladas* também são muito importantes, pois descrevem o evento e os acontecimentos que ocorrem na cidade de Paraty no período da *Flip*.

No quarto parágrafo, a introdução do referente *o festival* retoma adequadamente o referente *Flip*, utilizado nas sequências anteriores. Além disso, estabelece a correferência com o título do texto *Uma festa de cultura*, colaborando, dessa forma, para o desenvolvimento das opiniões do autor.

No quinto parágrafo, a introdução das expressões referenciais *o preço dos ingressos da Flip*, *ingressos para a Flip* e *Flipzona* também mantêm uma relação com as sequências anteriores, colaboram para o desenvolvimento do parágrafo e, conseqüentemente, para a sustentação dos argumentos apresentados nos parágrafos antecedentes, resumindo as ideias desenvolvidas nesses parágrafos.

Notamos que, embora o autor repita muito a expressão *Flip*, essa repetição do termo não deve ser vista como um ponto negativo para o encadeamento das ideias desenvolvidas pelo autor. Pelo contrário, a repetição desse referente textual possibilita a sustentação dos argumentos em relação a esse festival de cultura e corrobora o bom desenvolvimento de todas as sequências argumentativas apresentadas no texto.

No sexto parágrafo, o autor introduz o referente *ponto negativo do festival*. Consideramos, no entanto, que o uso dessa expressão não prejudica as ideias desenvolvidas nos períodos anteriores, apenas resume a informação que se segue no desenvolvimento do parágrafo e revela ao leitor que a *Flip*, mesmo sendo uma festa muito bem organizada, também apresenta algumas falhas.

O último parágrafo estabelece a correferência com todas as ideias desenvolvidas no texto e resume os conteúdos antecedentes de maneira adequada.

De modo geral, nossa análise nos permite declarar que o texto **Uma festa de cultura** não apresenta problemas no que se refere à construção da referenciação.

Texto 6

Os livros de Mary Hogan

[1] Nas **últimas férias** me acabei de ler. Nada mais agradável para **uma louca por livros** do que poder ler todos **aqueles títulos** que foram esquecidos durante o semestre por conta da escola, dos estudos, da falta de tempo... **É nessa época** também que eu posso gastar hoooras na livraria pesquisando novos autores, sentindo cheiro de livro novo (juro que sinto!) e

comparando as capas mais atraentes.

[2] Foi nessa **dita circunstância** que conheci **Mary Hogan**, autora de livros para o público teen, especialmente o feminino. O estilo dela mistura o “clássico” de Meg Cabot com o “cômico” de Thalita Rebouças.

[3] O humor em primeira pessoa é valorizado e as histórias comuns tratadas pela **escritora** são facilmente relacionadas com as experiências de muitas leitoras.

[4] Dentre os **títulos publicados** por **Mary Hogan**, destacam-se “**Um Beijo para Valer**” e “**Rosto Bonito**”, mas em minha opinião, o melhor deles é... “**Garota Perfeita**”.

[5] **Ruthie Bayer** é uma típica garota de 14 anos, moradora de Delaware e estudante de uma pacata escola da cidade. Mora com sua mãe, com quem não se dá muito bem e tem duas melhores amigas, Celeste e Frankie.

[6] Tudo ia monotonamente bem até que a vida da **menina** fica de pernas pro ar. **Jenna**, uma “garota perfeita” acaba de entrar no colégio e despertar o interesse de todos os meninos, inclusive de **Perry**, vizinho e melhor amigo de **Ruthie**, por quem **ela** descobriu estar perdidamente apaixonada.

[7] O que fazer nessa situação? **Ruthie** só consegue pensar em uma solução: pedir ajuda para sua Tia Marty, especialista em relacionamentos. A menina passa por uma completa transformação de vida e é obrigada a rever muitos conceitos. Ela, então, descobre que é preciso muito mais do que beleza e delicadeza para ser uma verdadeira deusa.

[8] Quer saber como termina?

[9] Fica minha dica para quem gosta de uma leitura leve e descontraída: o novo destaque da literatura juvenil, Mary Hogan.

No primeiro parágrafo, chamamos a atenção do leitor para a introdução dos referentes textuais *últimas férias, uma louca por livros e aqueles títulos*. Embora se trate da

introdução de novos elementos no texto, o referente *aqueles títulos* retoma cognitivamente o título do texto: *os livros de Mary Hogan*.

A introdução da expressão nominalizadora *uma louca por livros*, embora sendo nova, estabelece uma correferenciação direta com o uso do pronome *me* apresentado no início desse parágrafo.

É interessante também chamarmos a atenção para a introdução das expressões referenciais *é nessa época* e *dita circunstância*, utilizadas, respectivamente, no primeiro e no segundo parágrafos do texto, uma vez que essas expressões retomam e substituem adequadamente o referente *últimas férias* utilizado no primeiro parágrafo.

A introdução da expressão nominalizadora *Mary Hogan*, no segundo parágrafo, não somente retoma o referente *aqueles títulos*, apresentado no primeiro parágrafo, mas também sumariza as informações contidas nesse parágrafo e nos demais parágrafos do texto conforme podemos observar.

O mesmo ocorre no terceiro e quarto parágrafos com a introdução dos referentes *escritora* e *May Hogan*, que, respectivamente, não apenas retomam a expressão nominalizadora *Mary Hogan* e *aqueles títulos* usados anteriormente, e, sim “amarram” as ideias apresentadas entre os parágrafos e sumarizam todas as informações contidas no texto.

No quarto parágrafo, a introdução das expressões referenciais “*Um Beijo para Valer*”, “*Rosto Bonito*” e “*Garota Perfeita*” é responsável por retomar o elemento anterior *títulos publicados*. Entretanto, chamamos a atenção para a expressão referencial “*Garota Perfeita*”, que revela a opinião do autor em relação aos títulos publicados por *Mary Hogan* e também sumariza as informações elaboradas a partir do quinto parágrafo.

Até o quarto parágrafo o texto não apresenta problemas em relação à amarração das ideias e a retomada de elementos textuais, de modo que as sequências desenvolvidas além de coesas colaboram para a progressão textual.

O mesmo não ocorre a partir do quinto parágrafo, em que o autor, ao descrever os acontecimentos de “*Garota Perfeita*”, não consegue expressar claramente sua opinião sobre a obra e, ao fazer descrições sobre alguns acontecimentos e personagens, gera ambiguidade textual. O problema não está na introdução do referente *Ruthie Bayer* no quinto parágrafo, e a conseqüente retomada desse referente por *menina* e *Ruthie* nos parágrafos que se seguem, tendo em vista que a retomada da expressão nominalizadora *Ruthie Bayer* é feita de maneira adequada e colabora para o desenvolvimento das informações que se seguem. A ambiguidade textual acontece no sexto parágrafo, com o uso inadequado do pronome anafórico *ela*. Consideramos que essa anáfora é inadequada uma vez que não conseguimos

verificar claramente a quem o autor se refere ao utilizar essa expressão. Nesse caso, o leitor é tomado pelo seguinte questionamento:

- A introdução do referente textual *ela* substitui *Jenna* ou *Ruthie*?

Também encontramos certa dificuldade na (re)elaboração do sentido desse tópico que diz respeito a quem está apaixonada por quem.

- Ruthie está apaixonada por Perry ou por Jenna?

Nesse sentido, todas as estratégias de referenciação requerem muita atenção, pois o uso de um elemento ou expressão referencial de modo inadequado pode comprometer as ideias defendidas pelo autor do texto e interferir a (re)elaboração de sentidos do texto por parte do leitor.

Entretanto, nos parágrafos que se seguem consideramos relevante o fato de o autor não apresentar o final de *Garota Perfeita*, o que pode despertar no leitor um possível interesse pelas histórias de *Mary Hogan*.

Texto 7

Novos vestibulares para velhas escolas

[1] A cada ano surgem **alterações em diversos vestibulares**. A **Unicamp**, por exemplo, mudou recentemente o modo de avaliar a redação dos alunos, e o **ENEM** foi adotado como forma de seleção dos alunos que ingressaram nas faculdades federais do Brasil.

[2] **Com tantas mudanças e inovações**, são poucas as escolas que realmente estão preparadas para tudo isso. Ainda mais com cada vestibular adotando um jeito próprio de avaliação – há faculdades com vestibulares mais modernos e outros mais antiquados.

[3] **A nossa educação é arcaica e devota das áreas de exatas e biológicas**. Prova disso são os alunos que pretendem prestar direito, publicidade e propaganda, artes plásticas, teatro, cinema em faculdades públicas e que precisam estudar química, física e biologia, matérias que a Fuvest e a Unicamp ainda exigem de seus alunos e que vestibulares de faculdades particulares já descartaram por não possuírem ligação com os cursos oferecidos.

[4] **A ESPM e a Cásper Líbero**, representantes das melhores faculdades de publicidade e propaganda e jornalismo, respectivamente, são pioneiras no assunto de modernização de seus vestibulares. A Cásper possui uma lista de filmes obrigatórios e ambas possuem grande foco na área de humanas, como, por exemplo, atualidades, literatura, arte, história; o que se torna óbvio quando nos deparamos com os cursos que as faculdades oferecem e sua procura por alunos especializados.

[5] Mas como os estudantes podem se aprofundar **nesses assuntos** se a maioria das escolas e dos cursos pré-vestibulares ainda possui seu maior foco nas faculdades públicas? Embora existam cursos preparatórios para essas faculdades, eles são caros e poucos são capazes de financiá-los.

[6] **É uma escapatória desse sistema conservador**, mas que apenas a alta sociedade pode bancar. Há o estudo e preparo de cada um? Sim, mas não podemos esquecer que o auxílio de um curso preparatório e de um professor especializado contribui para a formação do aluno, caso contrário, não existiriam escolas e professores e todas as crianças aprenderiam com os livros.

[7] **Novos vestibulares e poucas mudanças nas escolas**. Os alunos saem prejudicados? Sim, não há dúvida. Muitos ainda podem se sentir prejudicados, aleijados e fracassados porque “nunca” poderão ingressar numa faculdade que requer uma abordagem maior em áreas de humanas.

[8] É um pessimismo devastador, mas que acaba se tornando a realidade de muitas pessoas. Está na hora do nosso governo e de nossas escolas pensarem em novos modelos de formação, pois o que rege nosso país já está datado.

O primeiro parágrafo é constituído de diversas expressões referenciais que são de suma importância para o desenvolvimento dos tópicos que se seguem. A primeira expressão é ***alterações em diversos vestibulares***. A introdução dessa expressão retoma o título do texto ***Novos vestibulares para velhas escolas*** e engloba as informações que serão desenvolvidas nas demais sequências textuais.

No mesmo parágrafo, a introdução do referente textual *A UNICAMP* direciona o leitor para a informação anterior e o remete à próxima informação: “mudou recentemente o modo de avaliação das redações dos alunos”. Esse referente é considerado um rótulo retrospectivo e prospectivo na medida em que retoma uma informação já dada e encapsula a informação que se segue.

Nesse parágrafo, destacamos ainda o uso do referente textual *ENEM*. Esse termo remete à expressão referencial utilizada no início do texto – *alterações em diversos vestibulares* – encapsulando, portanto, essa informação.

O uso do referente *ENEM* após a explicação dos critérios de seleção adotados para o vestibular da *UNICAMP* e em seguida a informação *O ENEM* “foi adotado como forma de seleção dos alunos que ingressaram nas faculdades federais do Brasil” funciona como uma justificativa de critérios para a seleção de alunos em Universidades Federais.

No segundo parágrafo, a expressão referencial *Com tantas mudanças e inovações* é muito importante, pois retoma adequadamente as informações contidas no parágrafo anterior e colabora para o desenvolvimento dos tópicos que seguem. Essa expressão é, portanto, um elo entre as informações desenvolvidas no decorrer do texto e colabora para a progressão textual.

No terceiro parágrafo, a expressão referencial *A nossa educação é arcaica e devota das áreas de exatas e biológicas*, colabora para a sustentação dos argumentos apresentados no parágrafo e fortalece as ideias que o autor visa defender. Entretanto, é importante que o leitor conheça o sistema de avaliação da educação, conheça a forma de ensino e, principalmente, tenha um conhecimento partilhado com o autor do texto.

No parágrafo seguinte, ao introduzir os referentes *ESPM* e a *Cásper Líbero*, o autor apresenta novas informações acerca do critério de vestibular utilizado por essas instituições. O uso desses referentes colabora para o desenvolvimento das sequências que se seguem, e embora esse parágrafo não esteja interligado ao parágrafo anterior, ele contribui para as ideias que foram apresentadas até o momento e colabora para a progressão do texto.

No quinto parágrafo, o uso do referente textual *nesses assuntos* é uma retomada às informações contidas no parágrafo anterior e funciona também como uma sumarização das ideias apresentadas no terceiro e quarto parágrafos. Desse modo, esse referente colabora para o desenvolvimento do tópico discursivo e também para entrelaçamento das ideias desse parágrafo.

No sexto parágrafo, a expressão referencial *é uma escapatória desse sistema conservador* retoma a informação contida no terceiro parágrafo do texto. Porém, essa

informação não é facilmente processada por parte do leitor, em função de os parágrafos do texto conter pontos de vista aleatórios, ou seja, devido ao não entrelaçamento das ideias apresentadas nos tópicos. Assim, essa expressão pode ser entendida pelo leitor somente como uma retomada das ideias apresentadas no parágrafo anterior, haja vista a amarração entre as ideias do quinto e sexto parágrafos.

A expressão referencial *novos vestibulares e poucas mudanças nas escolas*, utilizada no sétimo parágrafo, retoma as informações contidas nos parágrafos anteriores, encapsulando os argumentos até então apresentados e colaborando para o desenvolvimento das ideias apresentadas nesse e no próximo parágrafo do texto.

Dessa forma, o texto apresenta informações relevantes quanto às disciplinas que são estudadas nas escolas, quanto aos critérios de seleção para os vestibulares de instituições públicas e possibilita o processamento das ideias e a (re)construção de sentidos do texto.

Texto 8

Deus existe

[1] Para alegria geral da nação, **Eric Clapton** veio ao Brasil para uma nova turnê. Fazia dez anos que **o guitarrista** não se apresentava por aqui, mas essa lacuna foi preenchida magnificamente.

[2] Consegui meu ingresso de forma muito suada, como sempre, depois de mais de duas horas na fila sob um sol escaldante.

[3] Cheguei **no setor A do estádio Morumbi** por volta das 17h. Praticamente vazio, dispunha de cadeiras confortáveis e estrategicamente planejadas para não desagradar ninguém. **Os organizadores** que lá estavam também eram muito atenciosos e ajudavam os perdidos.

[4] Quase batendo as 20h, **Gary Clark Jr.** começou seu curto, porém espetacular show. Um guitarrista sensacional com uma voz muito delicada, que sabe bem usar suas influências jazzísticas e blueseiras.

[5] Eram 21h quando **o mestre** entrou. Não de muita fala, agradeceu e saudou a todos, dedicando o show a **Felipe Massa --Clapton é fã de fórmula 1.**

[6] Com o mesmo setlist dos shows anteriores da turnê, **Clapton** alegrou gregos e troianos e fez jus ao seu apelido: *slow hand* (mão lenta, em inglês).

[7] O curioso é que tantos jovens que se aventuram na descoberta de um instrumento procuram ser muito rápidos, com a técnica mais apurada. Dica: isso não é o principal. Você precisa deixar a música te envolver e assim viajar literalmente na arte de tocar a guitarra. Por isso, Clapton é Deus.

[8] Com muito feeling e animação (sim! --discordo de alguns críticos que disseram que o show era desanimado), o show transcorreu sem problemas.

[9] Eric Clapton desfilou sucessos, como “Wonderful Tonight”, “Cocaine”, “Crossroads” e, minha preferida, “Old Love”. Essa, com mais de dez minutos de duração, transcendeu os limites, com solos lindos de guitarra e a voz marcante de Clapton, cada vez mais rouca, dando o clima final.

[10] A única crítica fica por parte do público. O lugar de onde assisti ao show ficava em um setor caro (R\$ 500 a inteira), e a maioria das pessoas que estava lá tinha por volta dos 50 anos. No meio do show, era nítido que muitos estavam cansados, não aproveitando o espetáculo, enquanto na arquibancada o povo batia palma acompanhando a bateria e gritava constantemente.

[11] **Resumo da ópera:** fantástico. **O guitarrista** que popularizou o blues e tornou-se uma lenda não por acaso. **Ele é gênio. Mais que gênio. Ele é Deus.**

No primeiro parágrafo, a introdução do referente textual *Eric Clapton* direciona o leitor sobre a mensagem que o autor pretende discorrer ao longo do texto, encapsulando todas as informações que serão apresentadas em seguida e retomando, implicitamente, o título do texto: *Deus existe*.

A expressão referencial *no setor A do estádio Morumbi*, utilizada no terceiro parágrafo, colabora para o desenvolvimento das sequências, sumarizando as informações que seguem e direcionando o leitor para os acontecimentos do show de *Eric Clapton*.

No quarto parágrafo, o autor apresenta um novo referente textual: *Gary Clark Jr.* Embora esse referente não tenha nenhuma ligação cotextual com os elementos

desenvolvidos nos tópicos anteriores, ele não traz prejuízos ao desenvolvimento das ideias apresentadas pelo autor, haja vista que acrescenta novas informações ao texto e encapsula adequadamente as informações que seguem.

No quinto parágrafo, o autor retoma o referente textual *Eric Clapton* através da introdução do referente *o mestre*. Porém, o termo *o mestre* não consiste apenas na retomada de um elemento apresentado previamente no cotexto. Esse referente sustenta todos os pontos de vista do autor em relação a *Eric Clapton* e colabora para o desenvolvimento de todas as sequências textuais.

Mais à frente no mesmo parágrafo, *Eric Clapton* é novamente retomado pela introdução do referente *Clapton*. Essa retomada textual nos remete à ideia de que o autor se considera próximo de *Eric Clapton* e mantém com este uma relação de carinho. Tal informação pode ser inferida devido ao fato de, em nossa cultura, algumas pessoas terem o hábito de abreviar o nome de pessoas com as quais têm uma afinidade maior, ou chamá-las somente pelo segundo nome. Entretanto, o processamento dessa informação somente é possível se houver, no mínimo, um conhecimento compartilhado entre autor e leitor e se o leitor for capaz de inferir, mediante algumas marcas linguísticas, dados extralinguísticos.

No último parágrafo, merecem destaque as expressões e os referentes textuais: *Resumo da ópera, o guitarrista. “Ele é gênio. Mais que gênio. Ele é Deus”*. O uso desses, termos além de encapsular adequadamente todas as informações apresentadas no texto, justifica os argumentos desenvolvidos nos tópicos anteriores, fortalece os pontos de vista do autor em relação a *Eric Clapton* e retoma o título: *Deus existe*. Ao fazer isso, o autor deixa claro para o leitor que termo *deus* nesse texto diz respeito ao ídolo: *Eric Clapton*.

5.2 BALANÇO DAS ANÁLISES EFETUADAS E SUGESTÕES PARA O ENSINO DA REFERENCIAÇÃO

Em consonância com Koch e Elias (2009), a referenciação são as diversas formas de introdução de novas expressões ou referentes textuais nos textos e a retomada ou substituição desses elementos é imprescindível para a progressão textual e para a (re)elaboração de sentidos do texto por parte do leitor. Porém, é necessário que o autor mantenha o equilíbrio entre o uso de informações dadas e novas, pois o bom desenvolvimento

das sequências textuais depende do entrelaçamento entre as informações apresentadas no início do texto e da retomada ou substituição adequada dessas ideias nos demais parágrafos.

A progressão textual não é construída apenas por meio de retomadas de referentes ou objetos de discurso expressos no cotexto, mas também de dados previamente introduzidos na memória do leitor, que funcionam como uma espécie de âncora ou gatilho para o processamento e (re)elaboração de sentidos do texto.

Nesse sentido, a prática textual é uma atividade discursiva complexa que requer por um lado: que o autor apresente sequências textuais bem elaboradas, ou seja, que no decorrer do texto, o produtor consiga defender seus pontos de vista sem deixar lacunas que comprometam/interfiram a progressão textual e conseqüentemente, a (re)elaboração de sentidos do texto. Por outro lado, o processamento de algumas informações somente é possível, se houver no mínimo, um conhecimento compartilhado entre autor e leitor e se o leitor for capaz de inferir, mediante algumas marcas linguísticas, dados extralinguísticos.

Ressaltamos que a introdução, a retomada e a substituição de referentes textuais consistem em argumentos utilizados pelo autor, a fim de persuadir o leitor no que diz respeito à aceitação do discurso que ele propõe no texto.

Observamos a partir de nossas análises que os textos: **Marcha polêmica** e **Escolhendo o curso certo** apresentam alguns problemas no que se refere à introdução, retomada e substituição de expressões ou referentes textuais. Embora esses textos apresentem sequências coesas, o autor não conseguiu amarrar e organizar as ideias desenvolvidas nos parágrafos, o que comprometeu/interferiu a progressão textual e dificultou a (re)elaboração de sentidos dos textos.

Já os textos: **Sono é um problema**, **Fraqueza da oposição**, **Uma festa de cultura**, **Os livros de Mary Hogan**, **Novos vestibulares para velhas escolas** e **Deus existe** não apresentam problemas no que diz respeito a introdução, retomada e substituição de elementos textuais, pois, o uso dessas estratégias propiciou o bom desenvolvimento das sequências argumentativas e colaborou para que as informações cotextuais fluíssem adequadamente, permitindo que o leitor (re)elaborasse o sentidos dos textos com mais facilidade. Entretanto, os textos: **Fraqueza de oposição** e **Deus existe** requerem do leitor certo esforço cognitivo para processar a partir de marcas linguísticas, informações extralinguísticas.

Nossas análises evidenciaram que a coesão textual está estritamente ligada ao equilíbrio e manutenção das ideias apresentadas no cotexto e que a coerência textual se faz a

partir de informações contextuais, tais como: o conhecimento partilhado entre autor e leitor, as crenças que eles têm em comum, a capacidade do leitor de inferir informações novas etc.

Dessa forma, a construção de elos coesivos nos textos não é garantia para a coerência textual, já que a coerência não está relacionada apenas a informações cotextuais, mas também à capacidade do leitor de fazer inferências linguísticas e extralinguísticas, o que depende no mínimo que autor e leitor tenham alguns conhecimentos partilhados. Por isso, um mesmo texto pode fazer sentido para determinado leitor e pode ser considerado incoerente por outro.

Tendo em vista que nosso *corpus* se constitui de textos cuja linguagem é peculiarmente característica dos adolescentes, esperamos, como professores do ensino de base de escola pública, que a presente pesquisa contribua para a difícil tarefa de formar leitores e produtores de textos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para a realização desta pesquisa consideramos a língua como atividade discursiva que somente se efetiva por meio da comunicação (inter-ação) verbal entre os sujeitos. Dessa forma, os referentes ou objetos de discurso utilizados pelo autor na construção de textos não consistem em uma escolha qualquer, mas revelam a atitude, crença, opinião, pontos de vista, postura, valores que ele tem em relação a: coisas, entidades, objetos, partido político, pessoas, religião etc. Tal fato foi demonstrado com mais precisão nos capítulos teóricos que tratamos da Referenciação e das Estratégias de referenciação e posteriormente se confirmou na análise do nosso *corpus*.

Nos oito textos por nós analisados, verificamos que, ao utilizar as estratégias de referenciação, mais precisamente a introdução, a retomada e a substituição de referentes textuais, o autor procurou persuadir o leitor no que tange à aceitação do discurso que ele visava defender no seu texto.

Procuramos evidenciar em nossas análises que o uso desses elementos ou expressões referenciais foi/são de extrema importância para a progressão textual e consequentemente, para a (re)elaboração de sentidos do texto por parte do leitor.

Ao longo das análises, observamos que a progressão textual somente foi possível mediante a capacidade do autor de estabelecer uma ponte entre a tese inicialmente defendida e as sequências argumentativas apresentadas no decorrer do texto. Além disso, pudemos notar que o equilíbrio das ideias e argumentos utilizados pelo autor é o que propicia ao leitor a (re)elaboração de sentidos dos textos.

Entretanto, o processamento de algumas informações e a (re)elaboração de sentidos dos textos somente é possível se houver, no mínimo, um conhecimento compartilhado entre autor e leitor e se o leitor for capaz de inferir, mediante algumas marcas linguísticas, (informações no próprio texto), dados extralinguísticos, (que estão fora do texto).

Por fim, esperamos que nossa pesquisa possa contribuir para o trabalho dos professores de Língua Portuguesa do ensino de base de escolas públicas no que se refere à árdua tarefa de incentivar o desenvolvimento da leitura e produção textual por parte dos seus alunos.

REFERÊNCIAS

APOTHÉLOZ, D. Papel e funcionamento da anáfora na dinâmica textual. In: CAVALCANTE, M. M.; RODRIGUES, B. B.; CIULLA, A. (Orgs). **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2003. p. 53-84.

ARAÚJO, I. L. **Do signo ao discurso**: introdução à filosofia da linguagem. São Paulo: Parábola, 2004.

BAKHTIN, M. (V. N. VOLOCHINOV). **Marxismo e filosofia da linguagem**. 10. ed. São Paulo: Hucitec, 2002. (título original, 1929).

BAZERMAN, C. Atos de fala, gêneros textuais e sistemas de atividades: como os textos organizam atividades e pessoas. In: DIONÍSIO, A. P.; HOFFNAGEL, J. C. (Orgs). **Gêneros textuais, tipificação e inter-ação**. São Paulo: Cortez, 2006.

BENTES, A. C. Linguística textual. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Orgs). **Introdução à lingüística**: domínios e fronteiras. 4. ed. V. 1 São Paulo: Cortez, 2004, p. 245-282.

BLOG DO FOLHATEEN. Disponível em: <<http://blogdofolhateen.folha.blog.uol.com.br/>>. Acesso em 17 de julho de 2011.

BRONCKART, J-P. As condições de construções dos conhecimentos humanos. In: MACHADO, A. R.; MATENCIO, M. L. M. de. (Orgs). **Atividade de linguagem, discurso e desenvolvimento humano**. São Paulo: Mercado das Letras, 2006, p. 175-202.

CAVALCANTE, M. M. **Referenciação sobre coisas ditas e não ditas**. Fortaleza: edições UFC, 2011.

_____. **Expressões indiciais em contextos de uso**: por uma caracterização dos dêiticos discursivos. 2000. 218 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

CIULLA E SILVA, A. **Os processos de referência e suas funções discursivas**: o universo literário dos contos. 2008. 207f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.

FÁVERO, L. L. **Coesão e coerência textuais**. São Paulo: Ática, 2006.

FRANCIS, G. Rotulação do discurso: Um aspecto da coesão lexical dos grupos nominais. In: CAVALCANTE, M. M.; RODRIGUES, B. B.; CIULLA, A. (Orgs). **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2003. p. 191-228.

KOCH, I. G. V. **O texto e a construção dos sentidos**. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2009.

_____. **A referenciação como construção sociocognitiva: o caso dos rótulos**. Revista de Estudos Linguísticos. UFMG. Belo Horizonte, Vol. 16, nº. 1, jan./jun. 2008. 13 p.

_____. Referenciação e orientação argumentativa. In: _____; MORATO, E. M.; BENTES, A. C. (Orgs). **Referenciação e discurso**. São Paulo: Contexto, 2005. p. 33-52.

_____. **Introdução à linguística textual**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____. Linguística Textual: Quo Vadis? **DELTA** [ONLINE], v. 17, specialissue, São Paulo. 2001. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-10.1590/S0102-44502001000300002. Acesso em: 1º junho 2011.

_____; ELIAS, V. M. **Ler e escrever: estratégias de produção textual**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

_____. **Ler e compreender os sentidos do texto**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2009.

LOBATO, M. As duas cachorras. Disponível em: <http://delmamoraes.blogspot.com/2010/03/fabulas-de-monteiro-lobato.html>. Acesso em: 10 de fevereiro de 2012.

MARCUSCHI, L. Gêneros textuais, definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Orgs). **Gêneros textuais e ensino**. 4 ed. Rio de Janeiro, Lucerna, 2005a. p.19-36.

_____. Anáfora indireta: O barco textual e suas âncoras. In: KOCH, I. G. V.; MORATO, E. M.; BENTES, A. C. (Orgs). **Referenciação e discurso**. São Paulo: Contexto, 2005b. p. 53-101.

MONDADA, L. A referência como trabalho interativo: a construção da visibilidade do detalhe anatômico durante uma operação cirúrgica. In: KOCH, I. G. V.; MORATO, E. M.; BENTES, A. C. (Orgs). **Referenciação e discurso**. São Paulo: Contexto, 2005. p. 11-31.

_____. DUBOIS, D. Construção dos objetos do discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. In: CAVALCANTE, M. M.; RODRIGUES, B. B.; CIULLA, A. (Orgs). **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2003. p. 17-52.

RAMOS, G. **Vidas secas**: 102ª ed. São Paulo: Record, 2007.

SILVA, M. F. **Um estudo com base nos blogs mais acessados no Brasil**. 2009. 158f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Universidade Estadual Paulista, Araraquara.

SILVA, B. V. **A relação entre referenciação e argumentação**. 2008. 193f. Dissertação (mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia.

TRINDADE, M. M. **Um estudo léxico-conceitual da meronímia**. 2006. 134f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

ALENCAR, E. N. de. **O tópico discursivo nas dissertações de alunos do ensino médio.** 2009. 119f. Dissertação. (mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.

APOTHÉLOZ, D; CHANET, C. Definido e demonstrativo nas nomeações. In: CAVALCANTE, M. M.; RODRIGUES, B. B.; CIULA, A. (Orgs). **Referenciação.** São Paulo: Contexto, 2003. p. 131-176.

CARDOSO, S. H. B. **A questão da referência:** das teorias clássicas à dispersão de discursos. Campinas: Autores Associados, 2003.

CARVALHO, M. A. F. **O funcionamento textual-discursivo dos rótulos em artigos de opinião.** 2005. 286f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

CAVALCANTE, M. M. Anáfora e dêixis: Quando as retas se encontram. In: KOCH, I. G. V.; MORATO, E. M.; BENTES, A. C. (Orgs). **Referenciação e discurso.** São Paulo: Contexto, 2005. p. 125-149.

_____. **Os demonstrativos e seus usos.** REVISTA PERSPECTIVA, Florianópolis, v. 20, n. 1, p. 157-181, jan./jun. 2002. 25 p.

_____. **Demonstrativos** – uma condição de saliência. In: II Congresso Internacional da ABRALIN, Fortaleza, 2001. 6 p.

_____.; RODRIGUES, B. B.; CIULLA, A. (Orgs). **Referenciação.** São Paulo: Contexto, 2003.

CONTE, M. E. Encapsulamento anafórico. In: CAVALCANTE, M. M.; RODRIGUES, B. B.; CIULLA, A. (Orgs). **Referenciação.** São Paulo: Contexto, 2003. p. 177-190.

CORTEZ, S. L. **Referenciação e construção do ponto de vista.** 2003. 124f. Dissertação. (mestrado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

CUSTÓDIO FILHO, V. **Expressões referenciais em textos escolares:** A questão da(in)adequação. 2006. 187f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.

GONZALEZ, E. B. S. S. **A referenciação nas crônicas de Otto Lara Rezende.** 2009. 120f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Franca, Franca.

GUIMARÃES, F. G. 'Rio' e a energia brasileira. Disponível em: http://blogdofolhateen.folha.blog.uol.com.br/arch2011-04-24_2011-04-30.html. Acesso em: 25 de abril de 2011.

_____. Rotulação: uma estratégia textual de construção do sentido. **Revista Caleidoscópio**. Unisinos. v. 4. n. 2. p. 85-89 mai/ago. 2006.

_____. **Desvendando os sentidos do texto**. São Paulo: Cortez, 2002.

_____. **Argumentação e linguagem**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

_____.; CUNHA-LIMA, M. L. Do cognitivismo ao sociocognitivismo. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Orgs). **Introdução à lingüística: fundamentos epistemológicos**. 2. ed. v. 3. São Paulo: Cortez, 2005. p. 251-351.

_____.; MARCUSCHI, L. A. **Processos de referenciação na produção discursiva**. DELTA [ONLINE], v. 14, n. especial, 1998. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44501998000300012&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 1º junho 2011.

LIMA, S. M. C. Recategorização metafórica e humor: uma proposta classificatória. In: CAVALCANTE, M. M. et al (Orgs). **Texto e discurso sob múltiplos olhares: referenciação e outros domínios discursivos**. v. 2. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007. p. 74-103.

LOPES, C. A. K.; SOUSA, F. M. M.; As seqüências textuais e os processos de referenciação anafórica no gênero anúncio. In: CAVALCANTE, M. M. et al (Orgs). **Texto e discurso sob múltiplos olhares: gêneros e seqüências textuais**. v. 1. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007. p. 74-103.

MARCUSCHI, L. A. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. Referenciação e progressão tópica: aspectos cognitivos e textuais. **Revista do GELNE**. v. 2. n 2. 2000. 11 p.

MARQUESI, S. C. Referenciação e intencionalidade: considerações sobre a escrita e a leitura. In: CARMELINO, A. C.; PERNAMBUCO, J.; FERREIRA, L. A. (Orgs). **Nos caminhos do texto: atos de leitura**. Franca: UNIFRAN, 2007. p. 215-233. (coleção mestrado em Linguística, V. 2).

MENDONÇA, M. C. Língua e Ensino: políticas de fechamento. In: BENTES, A. C; MUSSALIM, F. (Orgs). **Introdução à linguística**. 3. ed. v. 2 São Paulo: Cortez, 2003. p. 233-264.

MOMESSO, M. R. Web 2.0 e blogs educativos: Espaço para a práxis discursiva na construção de identidades flexíveis e múltiplas do professor. In: NASCIMENTO. E. M. F. S.; OLIVEIRA. M. M. R.; LOUZADA, M. S. O. (Orgs). **Leitura: linguagens, representações e práxis**. Franca: UNIFRAN, 2009. p. 151-171 (coleção mestrado em Linguística, v. 4)

NASCIMENTO, S. C. A. de. **Processos de referenciação discursiva na redação de vestibulandos da UFMS**. 2003. 228 f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Araraquara.

PENNA, M. A. O. de. **As formas nominais referenciais e suas funções na progressão textual**. 2006. 90f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

PERNAMBUCO, J. Análise do trabalho do professor de português: A prescrição, a realização e a representação. In: CARMELINO, A. C.; PERNAMBUCO, J.; FERREIRA, L. A. (Orgs). **Nos caminhos do texto: atos de leitura**. Franca: UNIFRAN, 2007. p. 77-98. (coleção mestrado em Linguística, V. 2).

SILVA, A. da. **A leitura e compreensão da anáfora conceitual**. 2004. 163f. Tese (doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

VALENTINI, A. M. de. **Práticas discursivas e identitárias do professor-blogueiro**. 2009.100f. Dissertação (mestrado em Linguística) – Universidade de Franca, Franca.

VARGAS, M. V. A. M. de. Referenciação e (re)construção de sentido na fábula de Millôr Fernandes. In: NASCIMENTO. E. M. F. S.; OLIVEIRA. M. M. R.; LOUZADA, M. S. O. (Orgs). **Leitura: linguagens, representações e práxis**. Franca: UNIFRAN, 2009. p. 95-106 (coleção mestrado em Linguística, v. 4)

ZAMPONI, G. Estratégias de construção de referência no gênero de popularização da ciência. In: KOCH, I. G. V.; MORATO, E. M.; BENTES, A. C. (Orgs). **Referenciação e discurso**. São Paulo: Contexto, 2005. p. 169-195.

_____. **Processos de referenciação: anáforas associativas e nominalizações**. 2003. 256f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

ANEXO

Texto 1

04/04/2011

Sono é um problema

De todos os problemas que podem existir para dificultar seus estudos ou qualquer outra atividade que precise de um alto nível de atenção, o sono é um dos piores.

Imagine que sua aula acabou e você precisa estudar em casa, mas está cansado demais para estudar à tarde. Então você chega a sua humilde moradia e decide dormir.

Pode apostar que em determinado momento de seu "cochilo vespertino" você perceberá uma presença, um vulto. Daí você abre apenas um olho para dar uma conferida. Sua mãe ou seu pai estará lá, com um copo de água na mão, pronto para escorrer em seu rosto e a briga começar. Isso não ajuda ninguém a estudar.

Ninguém consegue estudar bem com sono. Às vezes, o pai, a mãe ou o responsável não entende que se seu filho está com sono e que o certo é deixá-lo dormir, pois quando acordar, estará disposto para os estudos. Mesmo que já esteja de noite, na hora de realmente dormir. Afinal, o maior problema da juventude atual é regular o sono.

No meu caso, quando acordo após um cochilo, já começo a passar as coisas a limpo, reler os registros e pronto para começar os exercícios. Isso pode ocorrer em horários diversos, seja seis da tarde ou duas horas da madrugada. Mas o importante é que o estudo acontece. Afinal, o que tinha que ser feito foi feito, certo? A qualidade teria sido a mesma com sono? Certamente não.

Então você, adulto e/ou responsável, entenda: não adianta seu filho ficar sentado na escrivaninha em forma de vegetal, sem entender nada do que está lendo e apenas desejando intensamente o seu travesseiro. Deixe-o(a) dormir e quando acordar apenas fale: "Ok, agora é hora de estudar", mesmo que isso seja de madrugada, pois se o sono já é um grande inimigo, você não vai querer ser o próximo infernizando a vida de seu filho até ele acordar. E se você insistir em deixá-lo acordado, você terá apenas uma coisa sentada na escrivaninha: um vegetal.

Por Felipe Gonçalves Guimarães

Visite o site do Folhateen!

Escrito por Mayra Maldjian às 11h22

[Comentários \(2\)](#) | [Enviar por e-mail](#) | [Permalink](#) #

Texto 2

10/05/2011

Fraqueza da oposição

Com o resultado das últimas eleições realizadas ano passado, os partidos da oposição, liderados pelo PSDB, estão enfraquecidos. No último dia 10, a revista The Economist, referência na área econômica e política mundial, analisou a atual conjuntura da política brasileira e afirmou que o PT, quando estava na oposição, era forte, diferentemente do PSDB.

A revista também relata que o PT é um partido voltado para os mais necessitados, diferente do PSDB, que "sempre foi um clube de tecnocratas brilhantes do que uma organização de massas". Não sei se isso é verdade, mas sei que essa fraqueza toda é resultado de pequenos egos inflados e rachaduras desnecessárias que afundam cada vez mais. Vejamos um exemplo: Aécio Neves, ex-governador do estado de Minas Gerais e com um eleitorado gigantesco, se recusou a ser vice de José Serra na corrida pela presidência por não aceitar ser ator secundário nessa "peça". Tal pretensão foi afundada mais ainda quando após a derrota, José Serra discursou que ainda lutaria pelas possíveis eleições seguintes.

Recentemente, vereadores e o atual ministro do esporte do estado de S.Paulo Walter Feldman, que é um dos fundadores do partido, anunciaram suas saídas. Feldman disse que o motivo foi resultado do desconforto com o aniquilamento da melhores lideranças do partido.

Não estou sendo partidário de nenhuma parte. Apenas estou explicando a situação atual. O grande problema é que todo país precisa da situação e da oposição para funcionar. Caso contrário, se apenas houver uma situação, torna-se uma monopolização do poder, que pode resultar em mais um ditadura para o país, ou seja, um retrocesso no progresso do Brasil.

É bom os líderes da oposição abaixarem os egos e se preocuparem mais com o país do que com si próprios, senão teremos um mudança absurda na política brasileira. E quem garante que isso renderá frutos?

Por Rodolfo P. Vicentini

[Visite o site do Folhateen!](#)

Escrito por Mayra Maldjian às 15h49

[Comentários \(1\)](#) | [Enviar por e-mail](#) | [Permalink](#) #

Texto 3

25/05/2011

Marcha da polêmica



Fumaça na Marcha: os olhos vermelhos eram do efeito do gás lacrimogêneo. Foto: Camila Pistoresi

A opinião pública está dividida acerca da legalização da maconha. Ao se tratar de um assunto polêmico é necessário que ambas as partes, tanto as pessoas a favor quanto as pessoas contra, discutam o assunto com cautela e munidos de argumentos e respeito pelas opiniões opostas.

No último sábado (21), manifestantes se reuniram no vão livre do Masp, na avenida Paulista, para dar início à Marcha da Maconha, um movimento que foi definido por seus organizadores como uma forma de reaver o debate público sobre o uso legal da planta Cannabis para diversos fins.

A marcha foi interrompida pela polícia militar que, com gás lacrimogêneo, tentou dispersar os manifestantes, atingindo também pedestres que passavam pela rua, em um ato sem escrúpulos contra a liberdade de expressão.

A história da maconha data de muitos anos atrás. Historicamente, sua proibição está mais relacionada a um ato étnico, econômico e político do que a uma preocupação por danos à saúde.

A ideologia por trás da marcha é compatível com a legalização da maconha. Ao apontar falhas no atual sistema de leis que proíbem seu uso, como o mercado criminoso com vidas desperdiçadas e dinheiro sujo, faz-se apologia ao uso de uma maconha limpa, que usuários possam ter acesso por meio de impostos e praticar seu plantio onde bem entenderem.

Porém, há de ser observado que cada manifestante fala por si só ao impor um uso benéfico da planta. Como eles defendem o uso livre, há quem é partidário da visão de que a maconha é, com toda a certeza, uma droga alucinógena.

Foi provado que a dependência de jovens com personalidades em formação pode acarretar em danos sérios, como síndromes que influenciam diretamente na vida escolar e familiar do usuário.

Assim como o cigarro era visto como uma forma de “estar na moda”, a maconha pode ser essa mesma arma para o jovem contemporâneo, o que poderá trazer aspectos negativos desmedidos na vida em sociedade.

De forma geral, este assunto deve ser firmemente analisado, considerando os prós e contras de ambas as partes, sempre respeitando cada uma delas, ao contrário de julgar manifestantes ao chamá-los de “anarquistas chapados” ou chamar os conservadores de “fascistas e nacionalistas”.

Ao mesmo tempo em que podemos diminuir a criminalidade e legalizar uma droga que tem reações negativas tanto quanto o cigarro e o álcool para seus usuários, podemos estar incentivando uma vida debilitada para grande parte da população.

Causas e efeitos têm que ser estudados e devem ser debatidos. Este era o principal motivo da marcha que, no fim, acabou sendo ridiculamente repreendida pela polícia. Infelizmente, esse evento nos trouxe uma questão maior e, sem dúvidas, mais importante do que a discussão de liberdade ao ato de acender um baseado: até quando o governo vai delimitar a nossa capacidade de se expressar?

Por Maria Carolina Dias

Visite o site do Folhateen!

Escrito por Mayra Maldjian às 17h30

[Comentários \(3\)](#) | [Enviar por e-mail](#) | [Permalink](#) #

Texto 4

05/06/2011

Escolhendo o curso certo

Maio foi um mês complicado para mim. Atrasos nas aulas do cursinho, filmes para ver, textos para escrever, peças para ir, estava atolado de coisas para fazer, como sempre. Mas então algo inesperado aconteceu: fiquei em dúvida entre o curso que eu queria fazer na faculdade, uma das piores coisas que pode ocorrer no ano de um vestibulando. E, então, ficou a dúvida: será mesmo que quero fazer cinema?

Agora que vocês sabem que pretendo me tornar um cineasta, o texto "[Não à pirataria, sim à acessibilidade](#)", que escrevi recentemente aqui no blog parece fazer sentido. E foi então que o curso de "Publicidade e Propaganda" surgiu e ficou batucando na minha cabeça. "Será que não pode ser esse também?", eu pensei.

Mas foi no dia 20 de maio que eu achei a resposta: fui à palestra do Carlos Saldanha, diretor do filme "Rio", na Faap. Quando o cineasta demonstrou todo o processo de seu projeto com carinho, como se tudo aquilo fosse algo querido, eu senti na hora: é desse mundo que quero fazer parte.

Claro, nem todos tem a sorte grande. Como ele mesmo disse, ele estava no lugar certo na hora certa. Resta a nós, cineastas sonhadores, cruzar os dedos. Mas sem ficar parado. Saldanha ressaltou: o estúdio não vai até você, você que deve ir ao estúdio.

Ou seja, sem esforço não tem recompensa e isso vale para qualquer faculdade e trabalho. Então está mais do que na hora de encerrar esse texto e voltar aos estudos e a vida de cursinho.

Por Felipe Gonçalves Guimarães

[Visite o site do Folhateen!](#)

Escrito por Mayra Maldjian às 11h24

[Comentários \(1\)](#) | [Enviar por e-mail](#) | [Permalink](#) #

Texto 5

12/07/2011

Uma festa de cultura

Na última quarta (6), fiz a viagem de formatura com o colégio para a cidade de Paraty. Nesse mesmo período em que ficamos lá, a cidade organizou a Flip (Feira Literária Internacional de Paraty). Com hotéis e pousadas lotados, até o camping em que ficamos --distante do centro-- estava bem movimentado.

Paraty tem um clima muito gostoso e aconchegante, seja pelas pracinhas e feirinhas, seja pelo povo hospitaleiro e praias lindas --principalmente a Paraty-Mirim. A viagem de escuna pelo litoral é maravilhosa, pois podemos mergulhar em alto mar próximas a praias desertas.

À noite, os barzinhos são ótimos para curtir com os amigos, mas é necessário uma boa espera, já que por causa da Flip estavam lotados. As baladas são excelentes e variam no preço. Dinhos' Bar é um lugar simples, mas aconchegante, com boas músicas para dançar. Já o Paraty 33 é mais caro, com bandas ao vivo, que atraem várias pessoas bonitas.

O festival é bem organizado, espalhando cultura pela cidade toda e para todas as faixas etárias. As crianças se divertiram com histórias contadas em um teatro improvisado próximo à praça central da cidade, em que ao anoitecer ficava lotada com dançantes casais ao som de música ao vivo.

Os preços dos ingressos da Flip iam de R\$ 10 a R\$ 40. Infelizmente, eu não tinha ingresso para a Flip --estava louco para ir na tenda do João Ubaldo Ribeiro-- e os que restavam não me interessavam. Mas por sorte, descobri em uma área que chamavam de Flipzona, um festival de curtas muito interessante em que os jovens da cidade atuaram nos filmes e o próprio diretor comentava sobre os curtas.

Como ponto negativo do festival, vejo apenas a falta de policiamento, principalmente de madrugada, no horário de saída das baladas e barzinhos. Por recomendação dos professores, andávamos todos juntos. Por sorte, não aconteceu nada de mal.

Fica a dica para quem gosta de cultura e quer conhecer uma cidade maravilhosa e aconchegante. Ano que vem retornarei para a Flip, e, se tudo der certo, com ingresso em mãos e maioria no RG.

Por Rodolfo P. Vicentini

[Visite o site do Folhateen!](#)

Escrito por Mayra Maldjian às 16h11

[Comentários \(0\)](#) | [Enviar por e-mail](#) | [Permalink](#) #

Texto 6

15/08/2011

Os livros de Mary Hogan

Nas últimas férias me acabei de ler. Nada mais agradável para uma louca por livros do que poder ler todos aqueles títulos que foram esquecidos durante o semestre por conta da escola, dos estudos, da falta de tempo... É nessa época também que eu posso gastar hooooras na livraria pesquisando novos autores, sentindo cheiro de livro novo (juro que sinto!) e comparando as capas mais atraentes.

Foi nessa dita circunstância que conheci Mary Hogan, autora de livros para o público teen, especialmente o feminino. O estilo dela mistura o "clássico" de Meg Cabot com o "cômico" de Thalita Rebouças.

O humor em primeira pessoa é valorizado e as histórias comuns tratadas pela escritora são facilmente relacionadas com as experiências de muitas leitoras.

Dentre os títulos publicados por Mary Hogan, destacam-se "Um Beijo para Valer" e "Rosto Bonito", mas em minha opinião, o melhor deles é... "Garota Perfeita".

Ruthie Bayer é uma típica garota de 14 anos, moradora de Delaware e estudante de uma pacata escola da cidade. Mora com sua mãe, com quem não se dá muito bem e tem duas melhores amigas, Celeste e Frankie.

Tudo ia monotonamente bem até que a vida da menina fica de pernas pro ar. Jenna, uma "garota perfeita" acaba de entrar no colégio e despertar o interesse de todos os meninos, inclusive de Perry, vizinho e melhor amigo de Ruthie, por quem ela descobriu estar perdidamente apaixonada.

O que fazer nessa situação? Ruthie só consegue pensar em uma solução: pedir ajuda para sua Tia Marty, especialista em relacionamentos. A menina passa por uma completa transformação de vida e é obrigada a rever muitos conceitos. Ela, então, descobre que é preciso muito mais do que beleza e delicadeza para ser uma verdadeira deusa.

Quer saber como termina?

Fica minha dica para quem gosta de uma leitura leve e descontraída: o novo destaque da literatura juvenil, Mary Hogan.

Por Nanda Carneiro

[Visite o site do Folhateen](#)

Escrito por Mayra Maldjian às 17h26

[Comentários \(2\)](#) | [Enviar por e-mail](#) | [Permalink](#) #

Texto 7

29/09/2011

Novos vestibulares para velhas escolas

A cada ano surgem alterações em diversos vestibulares. A Unicamp, por exemplo, mudou recentemente o modo de avaliar a redação dos alunos, e o ENEM foi adotado como forma de seleção dos alunos que ingressaram nas faculdades federais do Brasil.

Com tantas mudanças e inovações, são poucas as escolas que realmente estão preparadas para tudo isso. Ainda mais com cada vestibular adotando um jeito próprio de avaliação --há faculdades com vestibulares mais modernos e outros mais antiquados.

A nossa educação é arcaica e devota das áreas de exatas e biológicas. Prova disso são os alunos que pretendem prestar direito, publicidade e propaganda, artes plásticas, teatro, cinema em faculdades públicas e que precisam estudar química, física e biologia, matérias que a Fuvest e a Unicamp ainda exigem de seus alunos e que vestibulares de faculdades particulares já descartaram por não possuírem ligação com os cursos oferecidos.

A ESPM e a Cásper Líbero, representantes das melhores faculdades de publicidade e propaganda e jornalismo, respectivamente, são pioneiras no assunto de modernização de seus vestibulares. A Cásper possui uma lista de filmes obrigatórios e ambas possuem grande foco na área de humanas, como, por exemplo, atualidades, literatura, arte, história; o que se torna óbvio quando nos deparamos com os cursos que as faculdades oferecem e sua procura por alunos especializados.

Mas como os estudantes podem se aprofundar nesses assuntos se a maioria das escolas e dos cursos pré-vestibulares ainda possui seu maior foco nas faculdades públicas? Embora existam cursos preparatórios para essas faculdades, eles são caros e poucos são capazes de financiá-los.

É uma escapatória desse sistema conservador, mas que apenas a alta sociedade pode bancar. Há o estudo e preparo de cada um? Sim, mas não podemos esquecer que o auxílio de um curso preparatório e de um professor especializado contribui para a formação do aluno, caso contrário, não existiriam escolas e professores e todas as crianças aprenderiam com os livros.

Novos vestibulares e poucas mudanças nas escolas. Os alunos saem prejudicados? Sim, não há dúvida. Muitos ainda podem se sentir prejudicados, aleijados e fracassados porque "nunca" poderão ingressar numa faculdade que requer uma abordagem maior em áreas de humanas.

É um pessimismo devastador, mas que acaba se tornando a realidade de muitas pessoas. Está na hora do nosso governo e de nossas escolas pensarem em novos modelos de formação, pois o que rege nosso país já está datado.

Por Felipe Gonçalves Guimarães
@felipegguima

Escrito por Mayra Maldjian às 16h55

[Comentários \(7\)](#) | [Enviar por e-mail](#) | [Permalink](#) #

Texto 8

17/10/2011

Deus existe

Para alegria geral da nação, Eric Clapton veio ao Brasil para uma nova turnê. Fazia dez anos que o guitarrista não se apresentava por aqui, mas essa lacuna foi preenchida magnificamente.

Consegui meu ingresso de forma muito suada, como sempre, depois de mais de duas horas na fila sob um sol escaldante.

Cheguei no setor A do estádio Morumbi por volta das 17h. Praticamente vazio, dispunha de cadeiras confortáveis e estrategicamente planejadas para não desagradar ninguém. Os organizadores que lá estavam também eram muito atenciosos e ajudavam os perdidos.

Quase batendo as 20h, Gary Clark Jr. começou seu curto, porém espetacular show. Um guitarrista sensacional com uma voz muito delicada, que sabe bem usar suas influências jazzísticas e blueseiras.

Eram 21h quando o mestre entrou. Não de muita fala, agradeceu e saudou a todos, dedicando o show a Felipe Massa --Clapton é fã de fórmula 1.

Com o mesmo setlist dos shows anteriores da turnê, Clapton alegrou gregos e troianos e fez jus ao seu apelido: slowhand (mão lenta, em inglês).

O curioso é que tantos jovens que se aventuram na descoberta de um instrumento procuram ser muito rápidos, com a técnica mais apurada. Dica: isso não é o principal. Você precisa deixar a música te envolver e assim viajar literalmente na arte de tocar a guitarra. Por isso, Clapton é Deus.

Com muito feeling e animação (sim! --discordo de alguns críticos que disseram que o show era desanimado), o show transcorreu sem problemas.

Eric Clapton desfilou sucessos, como "WonderfulTonight", "Cocaine", "Crossroads" e, minha preferida, "Old Love". Essa, com mais de dez minutos de duração, transcendeu os limites, com solos lindos de guitarra e a voz marcante de Clapton, cada vez mais rouca, dando o clima final.

A única crítica fica por parte do público. O lugar de onde assisti ao show ficava em um setor caro (R\$ 500 a inteira), e a maioria das pessoas que estava lá tinha por volta dos 50 anos. No meio do show, era nítido que muitos estavam cansados, não aproveitando o espetáculo, enquanto na arquibancada o povo batia palma acompanhando a bateria e gritava constantemente.

Resumo da ópera: fantástico. O guitarrista que popularizou o blues e tornou-se uma lenda não por acaso. Ele é gênio. Mais que gênio. Ele é Deus.



Por Rodolfo P. Vicentini

Escrito por Mayra Maldjian às 19h22

[Comentários \(0\)](#) | [Enviar por e-mail](#) | [Permalink](#) #